

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Larissa Mattos da Fonseca

Assentar gente e semente

Circuitos domesticadores entre agricultoras e plantas no assentamento
de reforma agrária 12 de Julho – RS.



Florianópolis,
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mattos da Fonseca, Larissa

Assentar gente e semente : Circuitos domesticadores
entre agricultoras e plantas no Assentamento de reforma
agrária 12 de Julho - RS / Larissa Mattos da Fonseca ;
orientadora, Letícia Cesarino , 2019.

62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Antropologia e Domesticação . 3.
Assentar. 4. MST. 5. Horta. I. Cesarino , Letícia . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Antropologia. III. Título.

Larissa Mattos da Fonseca

Assentar gente e semente

Circuitos domesticadores entre agricultoras e plantas no assentamento de reforma agrária 12 de Julho – RS.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina à cumprimento de requisito para a obtenção de título de bacharel em Antropologia Social sob orientação da Profa. Dra. Letícia Cesarino.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Letícia Cesarino – Presidente (DepAnt/UFSC)

Prof. Dr. Jérémy Deturche (DepAnt/UFSC)

Prof. Dr. Gabriel Coutinho Barbosa (DepAnt/UFSC)

*No tenemos pertenencias sino equipaje.
- Jorge Drexler.*

Agradecimentos

*E um grito casual de quem
não sabe que eu existo.
- Vitor Ramil.*

Muitas das pessoas às quais devo agradecimentos não sabem o quanto me ensinam e influenciam. Alguns possivelmente não lembram meu nome ou não sabem que eu escrevi este texto, outras não sabem que eu existo.

Gracias professor Oscar Calavia Sáez por me ensinar a cozinhar o feijão e arroz da antropologia, em outras palavras, a ler e a escrever enquanto uma etnógrafa. Obrigado Scott Head por me ensinar as liberdades poéticas da etnografia.

As vozes femininas deste texto tem uma dívida para com Hayao Miyazaki que me ensinou, ainda muito nova e sob forte repressão pentecostal, que narrativas com personagens femininos são simplesmente mais interessantes e, para com os ombros largos de Dona Oswaldina, minha ancestral, que me ensinou que protagonismos femininos não são feitos, somente, com retóricas feministas.

Agradeço também as demais mulheres da minha família, Lisiani, Terezinha e Anaquel, que permitiram que eu chegasse ao fim desse trajeto. Também ao amor indispensável da Olívia e da Thais.

De admirações e amores, agradeço agora às ajudas mais concretas.

Obrigada Letícia Cesarino, minha orientadora, pelo pragmatismo e pelas descrições mais sociológicas incorporadas ao texto e também, pela paciência com minhas vírgulas.

Agradeço ao Pedro Enrique por “pagar” minhas despesas de campo, ao Cris pela ajuda com algumas traduções, ao abrigo no lar canguçuense de Mateus, ao Aranha pelas lições de agronomia e a Stela e Matheus por me tornarem uma “estagiária” confiável para as assentadas de Canguçu.

Sou grata ao companheirismo de Elaine, Sergio, William e Pepe e ao incentivo para seguir desenhando da profa. Ilka Leite.

Obrigada Edviges Iores, Mario Maia, Renata Menasche, Viviane Vedana e Claudia Turra Magni, mestres indispensáveis nesta etapa da minha trajetória.

Agradeço especialmente ao Jérémy Deturche e Gabriel Coutinho que leram atentamente ao trabalho e realizarem críticas que me permitem repensar os modos de continuidade desta pesquisa.

Obrigado Yves *por tener una mirada ebria de palabras y poesias bajo el cielo claro de un pueblito* ao pé da serra. E isso é mais concreto do que pode parecer.

Agradeço essencialmente à Vani, Gabi, Santo, Rosi, Tilino, Sena, Pitita, Luana, Livia e Weliton por serem os primeiros a me receberem com carinho em suas casas e me transformarem em uma pesquisadora.

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração de Iolanda e João que não só me levaram a caminhar pelas *matas* e hortas como alegam minhas noites de campo com causos maravilhosos, de Lourdes e Valdecir que me presentearam com narrativas riquíssimas sobre o assentamento e a relação com as sementes, de Lu e Toni que ofertaram, mais que disposição para pesquisa, sua amizade, de Neusa e Sérgio pelos dias repletos de boas conversas e caminhadas, de Geni e Ervino pelas hortas mais antigas e plurais e, pelas noites de reza, de Izelde e Ivete que contribuíram com ótimas conversas e tardes de hortas. Também sou grata aos demais assentados que mesmo não querendo participar da pesquisa sempre me trataram com muito respeito e simpatia.

RESUMO

A presente etnografia trata da relação entre agricultoras e plantas assentadas na Serra dos Tapes – RS via Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através da descrição de ações domesticadoras conformadoras do que nomeei de circuitos domesticadores, ou seja, de duas dinâmicas entre as assentadas e as plantas. A primeira implica – e está implicada em – distintos movimentos entre as *matas*, as hortas e os pousios do assentamento de reforma agrária 12 de Julho. O segundo circuito emerge pela – e propicia a – dádiva de sementes e mudas entre parentes. As relações domesticadoras aqui descritas são compreendidas enquanto ações que efetivam o assentar, ato, de fato, contínuo ao longo dos trinta anos do assentamento.

Palavras-chave: Antropologia e Domesticação. Assentar. MST. Horta

ABSTRACT

The present ethnography provides an account on the relation between peasant women and plants both settled in Serra dos Tapes/RS via *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST - Landless Rural Workers' Movement). This is done by describing domesticatory actions which conform what I have named as domesticatory circuits, that is, two dynamics between settled women and plants. The first one implies – and it is implicated in – distinct movements that entangle the woods, the gardens and the fallows of the agrarian reform settlement 12 de julho. The second dynamic emerges from – and affords – the gift of seeds and seedlings among kin and affines. The domesticatory actions here depicted are comprehended as actions that effect settling, an actually continuous act throughout the settlement's thirty years.

Keywords: Anthropology and Domestication. Settling. MST. Garden

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. A Cordilheira, 17

Figura 2. Máscara de brincar, 20

Figura 3. Radites do 12 de Julho, 25

Figura 4. Horta abandonada, 34

Figura 5. Representações das ações domesticadoras e seus respectivos espaços, ambos constituintes do circuito: Dobra Verde-horta-pousio, 38

Figura 6. Retrato Pitita, 44

Figura 7. Retrato Vani, 44

Figura 8. Porongos do 12 de Julho, 47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Ações domesticadoras relativas às variedades de radite e seus espaços, 33

Tabela 2. Variedades de radite segundo termos classificatórios das assentadas do 12 de Julho,
39

Tabela 3. Variedades de porongo segundo termos classificatórios das assentadas o 12 de Julho,
50

SUMÁRIO

- 1. Introdução, 11**
- 2. Parte I. *Bagunça verde*, 16**
 - 2.1 *João e a Mula-sem-cabeça*, 16
 - 2.2 “Um lugar assim, todo dobrado, bagunçado”, 16
- 3. Interlúdio: *Cuidar chuva*, 23**
- 4. Parte II. Circuito: dobra verde-horta-pousio, 24**
 - 4.1 Forragear para cultivar, abandonar para forragear, 24
 - 4.2 Domesticação e antidomesticação, 29
 - 4.3 Envelhecer horta, 34
- 5. Interlúdio: *Benzer raio*, 40**
- 6. Parte III. *Semente de comadre*, 41**
 - 6.1 *A Mulher e a Curiosidade*, 41
 - 6.2 Assentar *semente de comadre*, 42
 - 6.3 *Troca-troca: dormir e acordar* sementes, 45
 - 6.4 Comer para plantar, 50
- 7. Epílogo: *Assementar*, 52**
 - 7.1 Assentar gente e semente, 53
 - 7.2 Nota de saída: Nem toda planta se deixa domesticar, 54
- 8. Referências Bibliográficas, 56**
- 9. Anexo I: Caderno de Plantas, 58**

1. Introdução

A presente monografia aborda relações entre agricultoras e plantas assentadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Serra dos Tapes – RS. O estudo ocorre através da descrição de ações domesticadoras (DIGARD, 2003) que conformam dois circuitos domesticadores distintos e complementares. Ambos circuitos emergem do – assim como fazem emergir o – movimento contínuo de sementes e mudas entre parentes e entre os diferentes espaços assentados – *mata*, horta, pousio, roça etc.

As relações domesticadoras descritas são resultado do processo do assentar via um movimento social de reforma agrária específico socialmente e historicamente. Convém, portanto, primeiramente contextualizar as agricultoras e as plantas implicadas no cotidiano do assentamento 12 de Julho.

No dia 25 de julho de 1981 o grupo de agricultoras, atualmente assentadas no extremo sul brasileiro, somaram-se a cerca de quinze mil agricultoras(es) na região de Sarandi – RS para reivindicar sua permanência no campo, ato popular que posteriormente ficou conhecido como Caminhada da Encruzilhada Natalino. Entre os dias 21 e 24 de janeiro de 1984, fundou-se o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra na cidade de Cascavel – PR. Em outubro do mesmo ano o grupo de agricultoras(es) do Assentamento de Reforma Agrária 12 de Julho integrou a ação de ocupação da Fazenda Anonni, onde acamparam ininterruptamente por quatro anos. Enfim, em 1989 o grupo assentou na cidade de Canguçu – RS.

O MST emerge de uma complexa realidade agrária brasileira, o que inclui estruturas de parentesco e herança campesina, conflitos interétnicos, modernização do campo, expansão do cultivo de soja, entre outras razões, como aponta, por exemplo Aretio-Aurtena (2016). Esta monografia, por sua vez, pretende se ater a um aspecto mais íntimo – e igualmente importante – da causa do movimento social, a ideia de que o MST é em primeiro lugar uma luta pela permanência de agricultoras e agricultores no campo e se possível em seus lugares de origem (FERNANDES; STÉDILE, 2005).

A permanência no campo é um aspecto do movimento social que aponta para o fato de que suas ações têm por primazia a perpetuação do ofício agrícola. Assim, nas páginas a seguir abordarei relações entre mulheres e plantas que acamparam e posteriormente assentaram via MST. Entendo, desse modo, que a relação humanas/plantas mostra-se indispensável na compreensão dessa comunidade agrícola, uma vez que ser agricultora é ser gente que planta. Portanto, tratarei de fazeres agrícolas em um assentamento, ou mais especificamente de práticas relacionadas às hortas assentadas.

Para as mulheres do 12 de Julho não foi possível permanecer em seus lugares de origem, migrar foi preciso e este deslocamento teve consequências nos seus modos de relações para com os vegetais e em suas relações sociais. As transformações vegetais e sociais no assentamento serão abordadas na etnografia através da descrição de afetividades que pulsionam relações domesticadoras.

As dez agricultoras com as quais dialogo nesta narrativa são provenientes das cidades de Constantina, Ronda Alta e Sarandi, no norte do estado do Rio Grande do Sul e assentadas no extremo sul do estado há 30 anos. São mulheres, atualmente entre os 50 e 70 anos de idade, em sua maioria aposentadas rurais. Por sua vez, o assentamento de Reforma Agrária 12 de Julho é composto atualmente por dezessete famílias. A pesquisa foi realizada com a permissão de todo os assentados após uma deliberação em assembleia. No entanto, foi efetivada junto a um número menor de mulheres dispostas a realizar a pesquisa. Vários homens assentados também colaboram com a etnografia, suas vozes foram importantes em muitos momentos da narrativa. O objeto central, contudo, eram relações agrícolas nas hortas, assim minhas principais interlocutoras foram as suas donas.

A relação etnográfica com a comunidade teve início no final de 2015, através do projeto de pesquisa “Saberes e sabores, objetos e utensílios de colônia” coordenado pela Profa. Dra. Renata Menasche. Durante 2016 realizei visitas esporádicas e acompanhei os dias de feira na cidade de Canguçu com um grupo de três assentadas. Em novembro de 2018 retornei ao assentamento e propus realizar minha pesquisa de conclusão de curso, ideia que foi recebida com muito carinho. Nos primeiros quarenta dias de 2019 realizei o campo etnográfico do qual emergiu este texto.

Meus primeiros dias enquanto aprendiz de etnógrafa foram repletos de observações e descrições sobre as relações de gênero no mundo rural e sobre a simbólica do trabalho, porém, o desinteresse das minhas interlocutoras em tais temáticas me fez repensar o campo. As assentadas estavam e estão interessadas em plantas, sejam de roça sejam de horta, é disso que gostam de falar e apesar de terem de fazer sempre o serviço de casa gostam é mesmo de catar planta na *mata* e de dar, receber e retribuir sementes entre comadres. Portanto, como escrever sobre agricultoras e ignorar as relações humanas e vegetais que instituem tais pessoas?

Em meio a essa insatisfação com a condução etnográfica, impulsionada pelas mulheres do 12 de Julho, deparei-me com os estudos sobre cultivos de plantas de Haudricourt (2013 [1962], 1964). A leitura desse antropólogo definiu o trajeto desta etnografia, ao despertar definitivamente meu interesse sobre domesticação de plantas. Mais, apontou os potenciais

descritivos sociológicos de uma etnografia do pousio¹, técnica agrícola praticada por diversas comunidade humanas.

Além disso, esse desvio no trajeto de pesquisa acarretou certas consequências metodológicas. Conhecer as práticas de horticultura do assentamento, exigiu, uma participação em maior medida do que normalmente se exige de uma observação participante. Precisei imergir no cotidiano doméstico das agricultoras, todavia, lavar a louça e ter longas conversas não seria suficiente. Então, aprendi a caminhar na *bagunça*² das hortas em uso e abandonadas, a colher chá no orvalho da manhã, a semear no final da tarde, a reconhecer os bichos bons para as plantas e as plantas já doentes por venenos dos vizinhos, também a debulhar no sol quente, a esconder sementes embaixo de lonas em dias chuva e a ver as sementes brotarem (enquanto elas ainda estão dentro da terra).

É evidente que as longas tardes de conversa nas varandas mostram-se imprescindíveis na compreensão do circuito domesticador abordado na parte III da narrativa. Graças aos diálogos pude aprender também a respeito da história do 12 de Julho, conhecimento indispensável para a construção de um dos argumentos centrais deste trabalho, uma vez que as agricultoras narraram a chegada na cordilheira e nenhuma delas chegou sem alguma semente ou muda nos bolsos.

As descrições das relações domesticadoras desta monografia são estruturadas pelo conceito de ação domesticadora de Digard (2003, 2012). Tal conceituação, no entanto, é escorregadia na medida em que determinados dados de campo escapam do que se compreende por domesticação nesta perspectiva. O diálogo que será realizado entre Digard e Carneiro da Cunha (2019) são reações a tais fugas etnográficas que não objetivam instituir uma única narrativa sobre a domesticação no 12 de Julho. Pelo contrário, pretendo salientar as contradições teóricas e etnográficas do texto. Acredito que essas contradições são representativas da não-uniformidade das relações domesticadoras no assentamento e alhures.

A narrativa que se segue está estruturada em três partes entrecortadas por dois interlúdios, assim como por cinco desenhos feitos pela autora e por dois retratos realizados durante os primeiros momentos de campo em 2016.

Esboço na parte I da escrita a composição do assentamento 12 de Julho ao descrever espaços agrícolas, sociais e imaginados e, o movimento migratório do grupo de agricultoras e

¹ Aqui o termo pousio, ainda que se refira a uma ação ou a uma técnica, não diz respeito a um modo específico, mas às várias possibilidades de abandono como ação indireta. Além disso, opto pelo termo pois capoeira, termo mais pertinente a comunidade rurais, faz referências às roças e aqui tratamos de hortas, distinção trabalhada ao longo da monografia.

² Os termos em itálico no decorrer do texto irão indicar termos nativos referentes tanto a etnografia.

agricultores, da mata atlântica ao pampa. Também busco definir o assentar, sob uma determinada perspectiva, demonstrando que se trata de um verbo fundamental ao argumento desta etnografia.

A parte II descreve ações de forrageio, cultivo e abandono em diferentes espaços do assentamento. Tais ações instituem o que nomeei de circuito domesticador dobra verde-hortapousio. O forrageio é estudado a partir de uma única planta, a radite, catada na *mata* e na capoeira – um modo de pousio – e propicia a existência de dois modos distintos de ações domesticadoras: o *deixar se fazer* e o *não fazer*. A ação do *deixar se fazer* também ocorre em outras práticas de pousio, ou seja no abandono humano das hortas do assentamento. A horta é o lugar para o qual as agricultoras levam a maioria das plantas forrageadas para então serem cultivadas por longos anos; é, também um lugar abandonado para que se transforme em *horta abandonada/pousio*.

Nesta parcela do texto abordo ainda duas perspectivas distintas da relação humanos/não-humanos, a domesticação (DIGARD, 2003) e a antidomesticação (CARNEIRO DA CUNHA, 2019). Em seguida, saliento a emergência das questões de domesticação na antropologia brasileira e seu, ainda, tímido diálogo com a antropologia do mundo rural.

Na parte III descrevo um segundo circuito domesticador, o *troca-troca* de sementes entre comadres. Este circuito é primeiramente dádiva entre parentes, sendo o *troca-troca* um termo nativo a partir do qual compreendo o circuito e não a descrição de trocas diretas e imediatas. Entretanto, o dar, receber e retribuir são efetivados por duas ações técnicas, o *dormir* e o *acordar* sementes, que têm como consequência transformações profundas nas plantas e nas relações sociais das agricultoras. Também reafirmo que o assentar é uma ação conjunta que resulta da fé católica, das relações de parentesco campesinas e da curiosidade, afinal o assentamento se torna um lugar habitável através de ações que causam modificações constantes na Serra dos Tapes.

Os interlúdios, ou o que intimamente nomeei de notas molhadas, são pequenas narrativas sobre a relação das assentadas e dos assentados com a chuva e com os raios, e destas com as plantas. Não adentro essas relações, no entanto, parece-me no mínimo conveniente demonstrar que a chuva e os raios não são apenas fenômenos meteorológicos indispensáveis aos processos agrícolas, dado que são também acontecimentos transformados em sujeitos passíveis de manipulação por parte dos humanos. Tal transformação ocorre através de uma linguagem campesina que junta verbos e sujeitos em conjugações nada convencionais para o léxico citadino: *cuidar chuva* e *benzer raio*.

Os desenhos, *mal dibujados*, na medida que foram invadindo esta etnografia mostraram-se metodologia capaz de elucidar relações agrícolas e de forrageio a princípio marginais nas conversas “de pesquisa” (no sentido do que as interlocutoras consideravam pertinentes para mostrar para a pesquisadora). O fato da etnógrafa observar plantas não tão relevante – plantas de horta e de *mata* – e desenhá-las em campo fez as agricultoras sentirem-se mais à vontade em falar sobre coisas não “tão importantes” quanto as coisas políticas do MST, assunto sempre confiado aos homens. Os desenhos também se mostraram uma boa ferramenta para pensar e descrever sobre a diversidade botânica que emerge do que intitulo de circuitos domesticadores do assentamento.

Para desenhar enquanto antropólogos, primeiramente, precisamos saber que podemos desenhar. Não desenho bem por simplesmente não criar imagens, faço cópias deslavadas e isso a princípio me fazia pensar que este era um ato, secreto, que beirava ao erro e que, portanto, não deveria ser exposto. Aina Azevedo (2016) reafirma que o desenho é, também, um modo de pensar e é a este aspecto do desenho que me apego, não para justificar as cópias – afinal comecei a aprender que desenhos nunca são uma impressão da realidade e sim uma denúncia de seu descompasso com o objeto desenhado – mas para repensá-los enquanto atos narrativos capazes de constituir, também, meu argumento etnográfico.

Os desenhos que realizei compõem tanto o corpo do texto quanto o caderno de planta, em anexo. Acredito que o caderno de planta pode vir a ser um auxílio, durante a leitura do texto, na medida que busca aproximar o leitor de seis plantas estruturantes do assentamento que não foram exploradas no decorrer texto.

Ademais, as fotografias que compõem essa etnografia foram realizadas durante a “Oficina de Imagem e Som em Antropologia” sob orientação da Profa. Dra. Claudia Turra – do departamento de antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Este material imagético faz parte de um acervo fotográfico maior e, propiciou e efetivou a realização do trabalho de campo junto às agricultoras e aos agricultores do 12 de Julho, através da realização de uma exposição fotográfica na feiras Sabores da Terra de Canguçu – RS.

Por fim, os dois circuitos domesticadores descritos na parte II e III da monografia são constituídos pelas seguintes ações domesticadoras: forragear, cultivar, abandonar (*deixar se fazer e não fazer*), e a circulação de sementes entre comadres (*dormir e acordar sementes*). Ambos circuitos, no entanto, decorrem da dinâmica relacional do *assementar*, processo técnico/domesticador esboçado no epílogo.

Parte I. *Bagunça verde*

2.1. *João e a Mula-sem-cabeça*

Uns anos atrás tinha um cara aqui visitando o assentamento. Era assim mais ou menos essa mesma hora que é agora, umas 23h00. Estávamos jantando aqui nessa mesa, como estamos fazendo agora. Eu, do jeito que sou, tu já me conhece, decidi brincar com o cara. Conteí que aqui ninguém passa ali pela ponte, aquela que fica encima da mata, depois das 23h30 porque é ali o lugar da Mula-sem-cabeça. Depois dessa hora quem passa por ali dá de cara com ela. Num deu cinco minutos o cara tava se remexendo na cadeira e convidando um outro assentado, que ele tava pousando lá na casa dele, pra irem embora. E eu: – Que nada fica aí, vamos proseá. E ele: – num, num Seu João é tarde acho que já vou indo.

Assim que eles saíram daqui, eu saí numa correria, cortei caminho pelo pasto enquanto eles estavam indo pela estrada. Tu nem sabe, me lanhei todo, fiquei todo machucado passando correndo em cerca e pelo mato, que tem ali depois do pasto e cheguei na ponte antes deles... Quando eles passaram eu comecei a berrar uns barulhos esquisito. Essa cara se apavorou e quase caiu. Se não fosse o outro segurar ele teria caído da ponte. O cara foi embora do assentamento e nunca mais voltou. E era assim como te digo a essa hora. Te cuida e não vai passar por aquela ponte depois das 23h30.

João, Cordilheira Baixa, 2019.

2.2. “Um lugar assim, todo dobrado, bagunçado”

Quando as assentadas lerem esta narrativa sobre o caso do João e da *Mula-sem-cabeça* elas irão rir e dizer: “ela acreditou”. Afinal, a *Mula-sem-cabeça* é apenas um caso.

Um caso de prosas noturnas e que sempre narra a *Mula-sem-cabeça* habitando as *matas* do assentamento. Nunca ouvi ninguém contando que a encontrou em meio à roça ou à horta. Pelo contrário, ela habita as dobras verdes do assentamento.

As dobras verdes são o encontro entre dois ou três cerros (morros) que conformam pequenos vales cobertos por *matas*. Tais *matas* são espaços de plantas não roçadas, não domesticadas, são locais *bagunçados*.

Bagunça, assim, faz referência a espaços de *matas*. A palavra *bagunça* também é usada para descrever as pequenas hortas do 12 de Julho e por vezes toda a paisagem assentada: “Aqui é um lugar assim, todo dobrado, bagunçado” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

O assentamento de reforma agrária 12 de Julho habita um lugar chamado cordilheira, termo local que faz referência a um dos espaços de maior altitude do 5º distrito da cidade de Canguçu. Este município, conjuntamente com Pelotas e São Lourenço do Sul, cidades sul-riograndenses, constitui a Serra dos Tapes.

O leitor pode imaginar agora o que o “dobrado” e o “bagunçado” descrevem na fala de Lucimar: uma paisagem acidentada, montanhosa. A cordilheira, no entanto, está no meio do pampa, no sul do Sul do Brasil – o que pode vir a surpreender algum desavisado que imagina o pampa somente enquanto uma infinita horizontalidade, onde o céu e a terra se confundem. Este imaginário provavelmente provém das estórias e lendas gaúchas. Acontece que essa horizontalidade já muito foi *bagunçada*. Tem um causo que anda por aí e que diz o seguinte: “No princípio, era a mata ao norte e o pampa ao sul” (LESSA, 1972, p.10). Já não estamos mais no princípio e muita *mata* já se estabeleceu no pampa. Inclusive uma “cordilheira” inteira. É sobre essa *bagunça* toda, planta de *mata* que chega ao pampa, agricultora do norte que começa a semear nas terras do sul, que vou narrar.



Figura 1 – A Cordilheira.

A cordilheira é uma paisagem de pitangueiras, figueiras e agricultoras(es) em meio aos grandes campos de gramíneas e caraguatás³ pampeanos. Lugar que desenhei em distintos tons de verdes. O verde claro e homogêneo das plantações de soja e o verde cheiroso dos altos eucaliptos. Também o verde escuro e *bagunçado* de pequenas *matas* e hortas.

Os espaços de *mata* passei a chamar de dobras verdes, e conheci acompanhando as assentadas em suas caminhadas para forragear bromélia e radite. As dobras verdes desenhadas acima em círculos nada ordenados são habitadas por araucárias, guaxains e guabijus. Rabiscos circulares que eu manchei de vermelho, buscando apontar para a presença quase imperceptível da *Mula-sem-cabeça*. É nesta paisagem *bagunçada* e verde que encontramos o assentamento 12 de Julho.

O grupo de agricultoras(es) que constitui o assentamento é de colonas(os) de ascendência italiana e alemã provenientes do norte do estado. São cerca de vinte famílias que na década de oitenta ingressaram e fizeram parte da criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), então em vias de formação. Estiveram presentes em momentos históricos do movimento, como a Encruzilhada Natalino em 1981⁴ e a formação do acampamento Anonni⁵ em outubro de 1985, onde acamparam por quatro anos para enfim assentarem nas terras dobradas de Canguçu.

A(o)s agricultoras(es), através do assentar, enquanto ação política, social e de vida, saíram de seus lugares de nascimento no norte do Rio Grande do Sul em direção ao extremo sul do estado. Este trajeto teve início em uma região de mata atlântica e terminou em um lugar de pampa.

Nos últimos trinta anos, as agricultoras(es), de Constantina, Ronda Alta e Sarandi, através de práticas cotidianas assentam na cordilheira das pradarias do sul do Brasil. Elas diariamente conhecem e recriam uma paisagem montanhosa habitada por monocultivos e entrecortada por pequenos espaços de *mata* resiliente, as já citadas dobras verdes.

“Aqui nós estamos em três partes. Tem os lá de baixo da várzea, nós aqui da cordilheira baixa e os lá de cima da cordilheira alta” (Iolanda, Cordilheira Baixa, 2019). Iolanda estava tentando me fazer compreender a distribuição geográfica e demográfica do assentamento. Depois de mais uma entre tantas outras tardes de horta subimos no pasto que há logo em frente

³O caderno de plantas apresenta as diversas variedades de plantas encontradas em campo.

⁴ Ver: Encruzilhada Natalino in: Videoteca Virtual Gregório Bezerra, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfvivrYJOWs>. Acesso 07.out.2019; Nossa História 1981 - Encruzilhada Natalino. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/70-82/> Acesso 07.out.2019.

⁵ Ver: LOPES DICKEL, 2015.

à sua casa. Um campo bem mais alto que o terreno do quintal e coberto por um capim que veio lá do norte.

Quando chegamos na parte mais alta do cerro ela apontou para a nossa esquerda. “Veja, ali embaixo ao lado daquela plantação grande de soja é a várzea, primeira parte do assentamento” (Iolanda, Cordilheira Baixa, 2019). Depois apontou para a direita. “Lá em cima é a cordilheira alta, onde fica a sede do assentamento e aqui, onde estamos, é a cordilheira baixa”. Eu acompanhava a explicação de Iolanda de modo a percorrer, com meu olhar, a paisagem ao nosso redor, das terras baixas às terras altas do assentamento. Estávamos no meio de uma escadaria de verdes cerros.

Caminhar com Iolanda no final de uma das tardes de verão me fez compreender visualmente que o 12 de Julho não estava assentado de forma coesa. O assentamento é um território transpassado por lavouras de soja e florestas de acácia, de colonos e madeireiros não-assentados da região. As terras adquiridas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para reforma agrária na cordilheira são lotes separados, assim um vizinho de lote muitas vezes não é um vizinho de assentamento. Cada uma das três partes do assentamento, a várzea e as duas cordilheiras, é habitada por grupos de cinco a sete famílias, e estão separadas por distâncias relativamente grandes.

As caminhadas diurnas pelas escadarias e dobras verdes do 12 de Julho permitiram que eu começasse a perceber com mais rigor e detalhe a paisagem da cordilheira assentada. No entanto, foi o *lado noturno* (BRANDÃO, 1995) do campo que trouxe profundidade para a minha relação com aquele lugar.



Figura 2 – Máscara de brincar.

Permitir que o *lado noturno* do campo emergisse nesta narrativa é aceitar o convite de Carlos Rodrigues Brandão, em *O Desencanto do Outro* (1993), de interpretar o camponês como alguém que imagina, brinca, acredita, e não mais somente como um trabalhador e sindicalista, como se essas últimas dimensões estivessem apartadas das primeiras.

O assentar aqui ganha assim outra dimensão; é também um movimento que abarca bichos e plantas que assentam com as agricultoras humanas, assim como plantas e bichos imaginados que são encontrados nos novos territórios. Esses encontros permitem a emergência de antigos afetos e brincadeiras – mais especificamente a relação entre as agricultoras e a radite, e a *Mula-sem-cabeça* e seus espaços de *mata* – assim como efetivam o assentar através de ações conjuntas entre humanos e mais-que-humanos.

O leitor, no entanto, pode estar se perguntando: por que se apegar à narrativa da *Mula-sem-cabeça*? Afinal, como promete o título da monografia essa não se trata de uma escrita sobre relações de domesticação entre agricultoras e plantas? Ao escrever sobre este ser do imaginário camponês também fiz esta pergunta. Persistir nela, no entanto, fez emergir a compreensão de que as dobras verdes, espaços a princípio pouco importantes por não serem produtivos ou reprodutivos, são fundamentais no movimento de domesticação das plantas do 12 de Julho. A *Mula-sem-cabeça* é um ser que habita um território imaginário (BRANDÃO,

1995) do assentamento, e que está localizado nos pequenos espaços de *matas* que só são tal território por serem também, como demonstraremos, espaços de forrageamento de plantas, ou seja espaços de circulação humana

Em *A Partilha da Vida* (1995), narrativa etnográfica sobre sitiantes paulistas, Brandão questiona: O que terá acontecido na literatura acerca do campesinato com seres como as assombrações, o lobisomem, as almas penadas do universo camponês popular? Em seguida ele propõe que uma pergunta como esta, tão estranha aos estudos do campesinato, tem sua razão de ser “pois ela sugere respostas boas para pensar a lógica da vida cotidiana e do imaginário, desta vida e de outras” (BRANDÃO, 1995, p.78).

A etnografia de Brandão (1995) estuda os lugares da vida do camponês paulista a partir de espaços *naturais*, *sobrenaturais* e *sociais*. Afinal, bichos, santos e divindades também estão em algum lugar, e estão na base social da vida dessas pessoas. Para o autor, os espaços que conformam os lugares camponeses do Alto Paraíba⁶ são *territórios do cotidiano* – casa, lavoura, horta etc. – e *territórios do imaginário* – a fronteira do sertão paulista, que pode ser aqui traduzido como fronteira com a “mata virgem”. O primeiro é o lugar dos “de dentro”, pessoas ligadas por relações de parentesco e trabalho, o segundo o lugar dos “seres tão de dentro”. Ambos estão em oposição aos de fora, os da cidade e os da natureza.

Aqui pode haver uma confusão: os seres do imaginário não seriam então seres *naturais* por estarem em lugares de natureza? Não. Os seres *naturais* do sertão estão ao fundo dessa *mata*, são os animais e as plantas selvagens. Os seres do imaginário habitam uma fronteira entre a *mata* e os lugares do cotidiano – de casa e de trabalho. O lobisomem só estava presente na vida dos sitiantes paulistas quando o sertão era perto, “nas beiras de tudo”. Não está mais presente não porque deixou de existir, mas porque o sertão, com a chegada da reserva florestal da Serra do Mar recuou para o longe, “pras beiras do fundo da serra paulista”. Os seres do território do imaginário só se fazem presentes quando os camponeses convivem com as *matas*. Conviver aqui significa visitar esporadicamente, mesmo que isso possa parecer contraditório.

Viver com espaços de *mata* é pressuposto para a presença desses seres do imaginário, tanto para os sitiantes da serra paulista quanto para as assentadas da Serra dos Tapes. Conviver significa ir lá de vez em quando buscar alguma planta, para o caso das assentadas, e ir buscar madeira ou caçar, no caso dos sitiantes.

A presença da *Mula-sem-cabeça* pode assim ser compreendida como parte do mesmo sistema técnico/espacial da ação de forragear. Também, como um fator determinante na não-

⁶ Porção paulista do Vale Paraíba, região metropolitana de São Paulo.

apropriação das dobras verdes para realização de roças e pastos; afinal, elas já são assentadas pela *Mula-sem-cabeça*.

Este sistema técnico/espacial é instituído pelo brincar, pelo imaginar e pela curiosidade, ações e características que propiciam dois circuito domesticadores – também constitutivos deste sistema técnico/espacial – no 12 de Julho: a dinâmica forrageio-cultivo-pousio e o *troca-troca* de sementes via camadrio. Circuitos domesticadores que serão descritos a seguir na parte II e III, respectivamente, desta etnografia.

3. Interlúdio I: *Cuidar chuva*

Nas tardes em que chove em demasia não se dorme. A cotidiana *sestia*, tirada após o almoço, é interrompida em dias de chuva forte ou tempestade. A horta precisa de chuva, mas se ela vier muito forte pode matar as plantas. Lourdes, em meio a uma tempestade de verão, não conseguiu dormir; veio até o quarto em que eu estava hospedada e me acordou levemente: “Desculpa te acordar, mas não consigo dormir com essa tempestade. Sabe, as únicas sementes de melão-de-são-caetano que tenho estão na horta e podem morrer” (Lourdes, Várzea, 2019).

Em dias assim é preciso estar atenta e cuidar da chuva. Rezar para que ela não mate as sementes da horta.

4. Parte II. Circuito: dobra verde-horta-pousio

4.1. Forragear para cultivar, abandonar para forragear

Trinta anos atrás um caminhão com a caçamba cheia de agricultoras(es) rumou até um dos pontos mais altos da Serra dos Tapes. “Depois de quatro anos lá na Anonni finalmente conseguimos as terras. Aí era hora de fazer o sorteio para ver quem ia para que terra” (Rosi, Várzea, 2019). Era num tom de saudade que Rosi e Lourdes me contavam sobre como chegaram aqui na cordilheira. “Pra te falar bem a verdade nós queria era ficar nas terras lá do norte mesmo, onde é plano e a terra é boa, também porque a gente já sabia lidar com as coisas de lá” (Rosi, Várzea, 2019).

O grupo de agricultoras(es) do 12 de Julho veio para Canguçu na caçamba de um caminhão com tudo o que tinham, colchão, lona e algumas poucas plantas. “Quando saímos do caminhão encontramos só vassoura e caraguatá⁷” (Rosi, Várzea, 2019). “Isso lá na cordilheira alta. Depois de um tempo viemos aqui pra várzea, aí só encontramos lavouras de soja abandonadas com inço e litros vazios de trifluralina⁸” (Lourdes, Várzea, 2019).

Quando as agricultoras chegaram à cordilheira, na companhia de alguma mudas de mandioca, não conheciam a maioria das plantas do local. Encontram, no entanto, no meio das capoeiras, espaços de mato que crescem em roças abandonadas, uma antiga conhecida, a radite, planta que em seguida também seriam encontrada nas *matas* (dobras verdes) do local, ainda que em outra qualidade. Nos três primeiros anos do assentamento, o forrageamento de radite foi essencial para a alimentação dos assentados. Hoje, trinta anos depois, a velha conhecida segue como companheira das agricultoras, agora não mais como produto alimentício cotidiano – afinal, há arroz, feijão e carne pra comer. Ela persiste, no entanto, nas capoeiras, nas dobras verdes e nas hortas.

A radite é uma salada de folhas verdes forrageada nas dobras verdes para ser cultivada em pequenas hortas. Também é forrageada para ser servida à mesa, em roças abandonadas para o repouso do solo.

Ao dar ênfase às ações de forrageio, proponho pensar a agricultura camponesa como uma atividade também curiosa que busca novos cultivos no exterior de suas roças/hortas. A descrição da relação agricultoras/plantas é inspirada em Haudricourt (1964), principalmente no que diz respeito à atenção aos processos de rotação lavoura/pousio. No entanto, descrever tal

⁷ Ver Caderno de Plantas.

⁸ A trifluralina é um herbicida de pré-emergência comumente usado no monocultivo.

agricultura como curiosa é contrastar com algumas generalizações realizadas por ele, onde os agricultores (seja lá quais forem) separam o joio do trigo (HAUDRICOURT, 1964, p. 102). As agricultoras do 12 de Julho, tomando licença para o trocadilho, ficam com o joio.

Os movimentos da radite e das agricultoras são uma dinâmica relacional que emerge da relação direta das assentadas com espaços de *mata*, lugar da *Mula-sem-cabeça*, e de capoeira, lugares de memórias afetivas, como veremos a seguir.



- a. Língua-de-vaca
- b. Almeirão-roxo
- c. Piçacam
- d. Pão-doce
- e. Flor de Piçacam
- f. Flor de Língua-de-vaca e Almeirão-roxo
- g. Semente de Língua-de-vaca e Almeirão-roxo
- h. Semente de Piçacam

Figura 3 – Radites do 12 de Julho.

“Aqui é tudo amontado, ihh é uma bagunça” (Iolanda, Cordilheira Alta, 2019.) Iolanda me alertava enquanto colocávamos galochas para irmos pegar radite na horta e depois na dobra verde do terreno dela.

“A gente catava isso logo que chegamos aqui, mas era piçacam, uma radite de capoeira. Essa daqui a mais comum que conheço é radite língua-de-vaca” (Iolanda, Cordilheira Alta, 2019.) A horta de Iolanda abriga quatro variedades de radite: almeirão-roxo, pão-doce, piçacam

e língua-de-vaca. A radite sempre foi um *guaxo*⁹ que servia a mesa da família da agricultora. “O nome mesmo de antes, da infância, é piçacam mesmo” (Iolanda, Cordilheira Alta, 2019.)

A radite da horta é sempre coletadas nas dobras verdes, assim pertencendo a estes lugares. Elas diferem de todas as outras plantas da horta e do quintal, que são *sementes de comadre*, ou seja, são sementes que as agricultoras ganham de comadres, vizinhas e parentes – questão que será abordada na terceira parte.

A radite da capoeira é uma planta que remete a memórias afetivas da infância e de entes queridos. Iolanda, sempre que sonha com seu pai come radite. No entanto, a planta não pertence à pessoa de quem se lembra; a radite não é do pai de Iolanda, elas foram antigamente plantas que o pai catava na capoeira e hoje são plantas catadas nas capoeiras, pela agricultora. São plantas dos espaços nos quais são encontradas, e não plantas de alguém. A radite é planta das *matas* (dobra verde) ou dos *matos* (capoeira), e não de fulana ou de ciclana, como é o caso das demais plantas.

Aqui é importante ressaltar a diferença entre *mato* (capoeira) e *mata* (dobra verde). A primeira é um lugar infestado de caraguatás, vassouras e bugreiros, plantas de espinhos e urticárias que incomodam bastante as agricultoras principalmente na prática de roçar. As *matas*, por sua vez, são lugares habitados por plantas ornamentais, como orquídeas e bromélias, por animais silvestres, tucanos e quatis, e pelos seres do território imaginário camponês, como a *Mula-sem-cabeça*.

A diferença entre esses dois lugares é bem sutil. Os caraguatás, plantas de capoeiras, são extremamente parecidos com os abacaxis, plantas de quintais, e com as bananinhas-do-mato, planta medicinal que habita as dobras verdes.

O piçacam, radite forrageada pelo já falecido pai de Iolanda e por ela ainda hoje, é encontrado no mato. A língua-de-vaca é encontrada na *mata*, assim como outras variedades de radite. As plantas da *mata* vão parar na horta e portanto, são em seguida cultivadas. As do *mato*, diferentemente, são exclusivamente forrageadas.

Radite é um termo que abarca uma variedade de ervas de folhas amargas e comestíveis. Plantas que emergem enquanto hortaliças através da movimentação das agricultoras nos diferentes espaços do assentamento: capoeiras, dobras verdes e hortas. A transposição classificatória da radite, das capoeiras e das dobras verdes para as hortas e mesas, por parte das agricultoras, é uma dinâmica que emerge através de memórias afetivas e da curiosidade. As

⁹ *Guaxo* é um termo que faz referência a plantas que nascem sem serem plantadas, termo que está em oposição simétrica ao termo *miudeza*, plantas domésticas cultivadas em roças e hortas.

assentadas forrageiam e cultivam esta planta para lembrar dos pais, pela diversão que é caminhar nas *matas* e, para conseguir cultivar belas hortas – o que significa ter uma horta abarrotada de plantas diversas.

As variedades de radite encontradas e cultivadas por Iolanda são igualmente encontradas e cultivadas pelas demais assentadas. Os cultivos nas hortas variam em quantidade e diversidade; no entanto, a divisão entre piçacam, planta de capoeira, e demais variedades, plantas de dobras verdes é recorrente.

A radite é facilmente encontrada. Por que então cultivá-la? Já cultivada, o que inclui um processo extremamente complexo de manejo e conservação de sementes, por que seguir forrageando? As minhas caminhadas e dias de hortas com as agricultoras me fazem pensar que a coexistência do cultivar e do forragear é uma questão de criatividade, impulsionada por questões afetivas e estéticas.

A relação entre as agricultoras e a radite será descrita, nos próximos parágrafos, enquanto prática criativa e ação domesticadora (DIGARD, 2012; 2003), fazeres estes que criam biodiversidade doméstica (DIGARD, 2012) – porque nas hortas das agriculturas – no assentamento 12 de Julho. A variedade de radite acima citada é um entre muitos outros exemplos. A criação da biodiversidade doméstica através de fazeres criativos, afetivos e ações domesticadoras é, se não o motivo, o produto de ações de cultivo e de forrageamento de uma mesma espécie de planta.

Jean-Pierre Digard (2012) conceitua domesticação enquanto uma ação relacional de criação¹⁰. Domesticação, para o autor, não é um processo acabado e datado, nem mesmo um estado animal. Não se trata de uma ordem classificatória evolutiva e dicotômica entre espécies não domesticadas e já domesticadas: “Domesticação é a existência de uma relação entre determinado animal [ou planta, no nosso caso] e determinamos seres humanos. A ação domesticadora é exercida ainda, primeiramente, sobre animais concretos, não sobre as espécies” (DIGARD, 2003, p. 36)¹¹. Trata-se de uma relação que, através de processos contínuos e cotidianos, cria novas relações, novas variedades e novas paisagens. Em síntese, equaciona-se o estudo antropológico da domesticação à descrição e sistematização de ações domesticadoras (DIGARD, 2003).

Ação domesticadora, nesta perspectiva, é a dinâmica que cria novas variedades animais ou botânicas. Digard propõe que ações domesticadoras são relações que geram modificações

¹⁰ Criação aqui faz referência ao que é construído, o que emerge da relação. Não se trata de um termo para designar junta de gado ou vara de porcos.

¹¹ Tradução da autora.

profundas nas espécies não-humanas e nas organizações sociais que englobam os seres humanos envolvidos nessas relações. A emergência dessas novas variedades não-humanas fomenta o que o autor nomeia de biodiversidade doméstica (DIGARD, 2012), definida como uma biodiversidade construída, criada, que emerge de determinadas relações, e não uma biodiversidade “natural” e universal que de modo “selvagem”, intocado, sempre esteve ali e independe de ações humanas.

Logo, com inspiração na obra de Digard, a relação entre a radite e as agricultoras é aqui descrita enquanto uma ação domesticadora¹². As cotidianas e contínuas idas e vindas das agricultoras – para catar radite nas dobras verdes e cultivá-la nas hortas – possibilitam a existência de uma diversidade de radite convivendo em um mesmo espaço: as hortas. Tais plantas, com o passar dos anos, *asementam* juntas, isto é, tornam-se sementes e se reproduzem, o que conseqüentemente propicia a criação de novas variedades.

As agricultoras forrageiam para então cultivar.

Há um porém: nem todas radite está inserida no movimento dobra verde-horta. O piçacam não é transportado para ser cultivado nas pequenas hortas. Em um pensamento apressado talvez o piçacam fosse compreendido enquanto uma variedade não-domesticada, por receber um tratamento distinto dos cuidados humanos que recebem as radites nas hortas. No entanto, esta variedade de radite não *dá*, isto é, não brota, em espaços de *mata*, lugares *naturais*, e sim em espaços mexidos e remexidos pelas agricultoras: as roças abandonadas. É um *guaxo* que nasce nas capoeiras, em espaços de pousios.

O piçacam, assim, por ser de antigas roças é compreendido aqui enquanto uma planta que está, sim, envolta em ações antrópicas e, por conseguinte, em uma relação de domesticação como a temos conceituado, ainda que diferente da relação que as agricultoras estabelecem com as outras variedade de radite.

As agricultoras abandonam as roças para então forragear.

O forrageio do piçacam é contínuo ao longo dos trinta anos do assentamento, no entanto, não é cotidiano. As agricultoras e os agricultores assentaram sobre antigas lavouras de soja, realizando o forrageio desta radite nos anos que se seguiram. Nos últimos vinte anos, no entanto, a busca por ela tornou-se uma atividade ocasional.

O piçacam, enquanto objeto analítico, exige descrições mais detalhadas dos processos de domesticação. A caracterização da ação domesticadora enquanto contínua e cotidiana não

¹² Consciente de que quiçá o próprio autor não aprovaria tal diálogo se levado em consideração que ele acredita que a relação humana para com as plantas não é tão profunda e afetiva quanto o é para os animais (DIGARD, 2003, p. 37).

nos é suficiente, afinal, as ações das agricultoras para com tais plantas é de algum modo interrompida e não habita o dia-a-dia das mulheres. É também uma ação de forrageio em espaços de antigas roças, o que pode definitivamente bagunçar qualquer possibilidade de correlação direta entre ações e espaços onde o forragear estaria para as *matas* assim como o cultivar estaria para as roças e hortas.

Os encontros intermitentes das agricultoras com o piçacam decorrem do extraordinário: aniversário de um parente morto ou que vive longe, visitas que propiciam narrativas sobre o assentamento, sonhar com seus mortos etc. Nessas ocasiões especiais as agricultoras comem o piçacam e outras radites em saladas ou refogadas com toucinho de porco, alimentos que não estão presentes no cotidiano gastronômico das assentadas. A atenção das agricultoras para com o piçacam está diretamente relacionada à memória histórica do assentamento e às saudades da terra natal. É uma ação relacional cuja pulsão é afetiva.

As pulsões das ações de domesticação, segundo Digard (2012), são múltiplas, podendo ser de ordem econômica, religiosa, intelectual etc. Podemos assim pensar a ação domesticadora da radite como fruto de pulsões afetivas, principalmente no que diz respeito ao piçacam. O convívio com as agricultoras me mostrou que cultivar radite é cultivar determinadas memórias afetivas, seja em relações de parentesco, ou com laços de ligação com a terra deixada no processo de assentar. Domesticar radite é recordar.

Acrescento ainda que os afetos estavam presentes mesmo nas primeiras ações de forrageamento, trinta anos atrás, provocadas por questões de suprimento alimentar do grupo recém assentado. Afinal, para agricultoras recém instaladas encontrar uma velha amiga em meio a um lugar completamente desconhecido e nada receptivo – vide os litros vazios de trifluralina espalhados pela terra – é encontrar a possibilidade de afetos.

A relação entre as agricultoras e as radites, portanto, abarca dois modos de ações domesticadoras distintas. Uma ação para com o piçacam, abandonar para forragear, e outra para com as demais variedades, forragear para cultivar.

As agricultoras forrageiam para então cultivar e abandonam as roças para então forragear, ações que dinamizam as hortas e os afetos das assentadas.

4.2. Domesticação e antidomesticação

Os estudos de domesticação em voga encontram-se condensados na antropologia da ciência e da técnica e na etnologia indígena. Além disso, estão concentrados na relação entre humanos e animais. As definições de domesticação até aqui exploradas emergem de reflexões

restritas a ações para com animais, sendo a minha tentativa de diálogo um tanto quanto arriscada. A domesticação de plantas é um campo menos explorado que, no entanto, encontrou espaço nos estudos de Haudricourt e de Carneiro da Cunha, autores que em seguida nos ajudarão a compreender melhor os circuitos domesticadoras no assentamento.

No que diz respeito ao estudos rurais, a atenção voltada à domesticação é tímida: “Os estudos sobre campesinato ou sobre populações tradicionais no país costumam dedicar mais atenção a outras dimensões do que à relação com os animais e vegetais, o que indica, no mínimo, que há um vasto campo de pesquisa a se avançar” (SAUTCHUK, 2018, p. 91). É nesse campo que espero me situar.

A domesticação de plantas no mundo rural sul brasileiro é aqui descrita na intersecção entre antropologia da técnica e antropologia rural, objetivando compreender a domesticação de plantas enquanto uma ação intimamente relacionada com a trajetória política das agricultoras assentadas pelo MST.

Portanto, permaneço com a definição de domesticação previamente apresentada: trata-se de uma ação domesticadora, isto é, uma relação entre humanos e animais [ou plantas] concretos circunscrita no espaço e no tempo, da qual emergem modificações profundas nos domesticados e nos domesticadores. Domesticação não é uma ação que sempre preexiste aos seus resultados, ela é a função de um projeto, de fazer alguma coisa, nunca se sabendo muito bem o que (DIGARD, 2003). Assim, a domesticação deve ser entendida não por seus resultados mas pelo fim nela mesma, estando o foco no processo e não no resultado.

“A ação domesticadora deve, como já dito, ser exercida de maneira contínua, renovada e fomentada a cada dia, caso contrário, os animais [ou as plantas] podem se desdomesticar e retornar ao estado selvagem” (DIGARD, 2003, p. 37)¹³. Nota-se que desdomesticação, para o autor, é o rompimento de uma relação contínua e cotidiana entre animais específicos e humanos específicos. Saliento que, nesta chave conceitual, a domesticação guarda o potencial da desdomesticação, sendo esta também parte constituinte do que se entende por domesticação.

Poderíamos, talvez, compreender que o piçacam se desdomesticou, afinal, só de vez em quando se cata piçacam, diferentemente das semanais idas às *matas* para coleta de outras radites – e outras plantas como orquídeas e bromélias. No entanto, penso que a ausência de um dia-a-dia na ação de forragear piçacam não implica necessariamente o rompimento da relação entre as assentadas e tais plantas.

¹³ Tradução da autora.

Outra característica da relação piçacam/agricultoras que escapa à definição de domesticação de Digard é o fato de que esta variedade de radite, diferente das outras, não sofre transformações (seleção humana de variedades) pela relação em que está inserida, assim como não cresce (brota) sob o domínio das agricultoras, não se enquadrando enquanto uma planta em processo domesticador. O piçacam é planta de espaços roçados, portanto dependente em certa medida da ação humana, assim também não se caracterizando enquanto planta desdomesticada.

Uma solução apressada junto ao modelo proposto por Digard seria discorrer sobre a multiplicidade dos processos domesticadores no espaço e no tempo, suas particularidades e especificidades. Quiçá discorrendo sobre a história de migração propiciada pelo MST enquanto caracterizadora dos modos domesticadores tão peculiares ao assentamento. No entanto, pensar a domesticação neste contexto etnográfico inclui também, e quem sabe principalmente, as demais variedades de radites que são forrageadas e cultivadas. E pensar tais ações conjuntas exclusivamente com Digard traz alguns pequenos desconfortos, principalmente quando equaciona a aparente ausência de ações domesticadoras com sociedades caçadoras-coletoras (DIGARD, 2003, p. 40).

Penso que relações domesticadoras podem ser compreendidas enquanto uma construção de biodiversidade que não passa necessariamente pela presença constante de humanos nos espaços de crescimento das plantas. Essa compreensão acha respaldo em outras propostas teóricas sobre a relação humanos-plantas.

Recentemente, Manuela Carneiro da Cunha propôs o conceito de antidomesticação para pensar as relações entre comunidades indígenas das Terras Baixas e a floresta amazônica (CARNEIRO DA CUNHA, 2019). Essa proposta compreende a biodiversidade da Amazônia como construída, uma biodiversidade que emerge da relação entre humanos e plantas, animais etc. No entanto, biodiversidade construída, aqui, não é sinônimo de biodiversidade doméstica, como o é no caso de Digard. Antidomesticação é o estado resultante de ações constantes que não implicam o controle reprodutivo e comportamental dos seres com os quais os humanos se relacionam. A ação relacional de construção de biodiversidade, neste sentido, não é compreendida estritamente enquanto relação de domesticação no contexto amazônico.

O conceito de domesticação no qual ela se apoia, no entanto, já foi objeto de crítica e reformulação, vide certa literatura em antropologia da técnica (SAUTCHUK, 2018; DIGARD, 2003, 2012; SIGAUT, 1988). Isso não significa que a antidomesticação não seja fecunda para pensar a possibilidade de uma ação criadora de biodiversidade que emerge de um *deixar a mata se fazer*, ou de deixar que a *Mula-sem-cabeça* tome conta dela; afinal, este é o seu lugar.

Antidomesticação assim estaria para as dobras verdes, um lugar antidomesticado, cuja costumeira ausência humana não é signo de um nulo cognitivo, mas consequência prática de um sistema de ações em que eximir-se é também uma atitude de relação com o Outro (HAUDRICOURT, 2013 [1962]). De outro lado, não se pode afirmar o mesmo para as hortas, lugar de intervenção constante e diária das agricultoras.

O piçacam, diferentemente, é produto do desassistir e não de um *deixar se fazer*. A roça abandonada é pousio, e este é lugar do descanso da terra. É consequência de um *não fazer*: o não roçar. A distância que existe entre as agricultoras e as plantas é fundamental para a permanência do piçacam, assim como a existência anterior da roça naquele local. O piçacam, portanto, é consequência de ações indiretas das agricultoras para com a terra – processo que não me parece conveniente associar a uma antidomesticação, já que temos a presença inegável das roças no processo.

O *deixar se fazer* e o *não fazer* são compreendidos aqui enquanto modos domesticadores distintos, ambos constitutivos do abandonar: ação domesticadora. Esta distinção é caracterizada pela diferenciação entre plantas cujo processo do *assementar* é objeto de percepção e significação para as agricultoras – a exemplo das plantas da horta e da dobra verde enquanto um sistema autorregulado – e plantas cujo processo do *assementar* não é tão significativo – a exemplo das plantas de capoeira.

A ação do *deixar se fazer* implica deixar a planta *assementar*, a horta envelhecer, a mata se autorregular, sem deixar, no entanto, de estar atento aos processos fisiológicos vegetais. As agricultoras sabem quando as plantas estão em ponto de brotar, o tempo de dormência das sementes etc. Em outras palavras o *deixar se fazer* é acompanhar sem interferir.

Por outro lado, o *não fazer* é sequer acompanhar. O piçacam assementa nas capoeiras, contudo, esse processo não é expressivo para as agricultoras, afinal ele é *mato* e *mato* sempre dá. O *não fazer*, assim, trata da ação de abandonar a roça seguida de uma displicência para com tais espaços. Os espaços de capoeiras só voltam a importar no momento de um novo forrageamento.

O *não fazer* não seria possível para com as plantas de horta e das *matas* pois elas são menos resistentes à chegada de agroquímicos nas redondezas e mais sensíveis a tempestades, sendo esta última particularmente ruim para as hortas. Estas, por serem plantas mais sensíveis, necessitam de um olhar atento, nem que seja para apenas lamentar a perda de uma semente, afinal não se pode fazer muito diante de uma tempestade ou dos aviões de veneno dos vizinhos do assentamento. De maneira distinta, não se lamenta a perda de um piçacam, eles sempre estão lá, são acostumados com a penúria da terra e com a fúria das águas.

Ação Domesticadora	Planta	Espaço
<i>Deixar se fazer</i>	Língua-de-vaca; almeirão-roxo; pão-doce	Dobra verde; hortas velhas
<i>Não fazer</i>	Piçacam	Capoeira

Tabela 1 – Ações domesticadoras relativas às variedades de radite e seus espaços

Como é perceptível, domesticação e antidomesticação são conceitos maleáveis – e por vezes contraditórios – a depender dos diferentes espaços descritos no assentamento. Isso indica não só a coexistência de espaços de roça, capoeiras, hortas e *matas* no 12 de Julho, mas também a coexistência de ações domesticadoras distintas.

Há um outro espaço que ainda não foi citado: as hortas velhas. Elas são espaços que nos ajudarão a compreender como a emergência da biodiversidade no assentamento está diretamente relacionada a um outro *deixar se fazer*: deixar que a horta envelheça. O abandonar a horta é a ação domesticadora que veremos a seguir.

4.3. Envelhecer horta

As *hortas abandonadas* são lugares que curam, isto é, amadurecem as sementes e as relações do 12 de Julho.



Figura 4. – *Horta abandonada*.

As hortas são pequenos espaços bem próximos às casas, estando no domínio doméstico e feminino do assentamento. Normalmente são quase rentes à entrada para a cozinha, e, a não ser que seja uma horta recém-feita (de um ano, no máximo), elas são espaços abarrotados de plantas. São quase sempre cercadas com grades trepadas por pés de colorau, maracujá-roxo e chuchu. Nas beiradas e entre as carreiras de hortaliças, as agricultoras sempre plantam cravo-de-defunto e arruda, o que ajuda a espantar formigas comilonas que podem estragar seus pés de couve e seus melões-de-são-caetano¹⁴.

“Anos atrás eu plantei abacate ali na horta velha, que na época era nossa única horta, aí um sobrinho da Rosi veio nos visitar e trouxe uma muda de ameixinha amarela. A árvore dele começou a tomar conta e aí tô sem comer abacate até hoje” (Tilino, Várzea, 2019). A velha horta, à medida que os anos foram passando, foi tornando-se o lar de árvores dos parentes e de cactos e suculentas forrageadas nas dobras verdes. Ela foi ficando cada vez mais cheia de plantas. “Nosso pé de limão parou de frutificar, aí plantamos aqueles cinco lá atrás do paiol”

¹⁴ Ver caderno de plantas.

(Rosi, Várzea, 2019). O pé de maracujá se espalhou por quase toda a horta, ao passo que os pés de salsinha e funcho começaram a crescer tanto que o casal percebeu que dali a pouco iriam *assementar*, virar semente.

As mudas de parentes e plantas de forrageio envelheceram a horta. Agora já velha, segue sendo um espaço importante. É lá que Rosi e Tilino guardam sementes *in situ*, ou seja, sementes que na estação própria serão debulhadas para serem plantadas na *horta atual*, dadas aos vizinhos, parentes e comadres, e armazenadas.

No assentamento são praticadas três técnicas distintas de armazenamento e conservação de sementes: guardar em garrafas PET, em pedaços de jornais/revistas ou resfriá-las em geladeira e congeladores.

O envelhecer das hortas é função das relações de parentesco e dádiva – através de trocas de sementes e mudas –, da necessidade de deixar a horta se *bagunçar* para assim *assementar*, e das práticas de pousio.

O *assementar* é um processo de transformação de plantas em sementes. É uma dinâmica agrícola que ocorre lentamente. Normalmente as plantas levam anos para *assementar*, e, para que o processo aconteça, convém que as hortaliças não sejam colhidas das hortas, uma vez que é necessário deixar que a planta cresça de modo exponencial para florir e em sequência dar semente.

“Está vendo estas flores coloridas? Essas, as mais bonitas, são as minhas zínias. Trouxe elas lá de Ronda Alta, isso há trinta anos” (Lourdes, Várzea, 2019). Eu e Lourdes estávamos caminhando na sua horta velha e observando suas zínias, tagetes¹⁵ e ervas. As plantas do solo chegavam até os nossos joelhos enquanto as laranjeiras, carregadas de frutos e curvadas, faziam que nos agachássemos à medida que tentávamos caminhar. Eu, com bem menos destreza que Lourdes.

“Nos primeiros anos, quando essa horta era nova, as zínias só floriam em vermelho. Aí a horta foi envelhecendo e chegando um monte de passarinho e borboleta” (Lourdes, Várzea, 2019). Os pequenos bichos que hoje habitam a *horta abandonada* de Lourdes foram chegando à medida que as plantas foram tomando conta da horta e que a agricultora foi se retirando dela para deixá-la *assementar* e envelhecer.

O *assementar* das zínias ao longo dos anos produziu flores de outras cores, rosa-pink e roxo. “Eu fiquei curiosa pra entender como isso aconteceu. Aí um dia eu estava aqui na horta

¹⁵ Tagete é um nome mais comercial para Cravo-de-Defunto. Lourdes, diferentemente das demais assentadas, usa o termo Tagete por ter uma relação mais estreita com a Bionatur (Cooperativa de agricultores da reforma agrária cuja finalidade é a comercialização de sementes).

velha e percebi que as borboletas beijavam uma flor depois outra e assim iam. Pensei: são elas que colorem as zinias” (Lourdes, Várzea, 2019).

Foi preciso assentar semente, envelhecer horta (o que inclui a chegada de muitos pequenos bichos) e *assementar* muitas vezes para que o colorido das flores de Lourdes também assentasse na cordilheira.

A dádiva entre parentes do assentamento, esboçada através da ameixinha amarela do sobrinho de Rosi, será trabalhada na próxima parte do texto. O *assementar* já foi brevemente descrito e será apenas retomado no epílogo devido a ausências de descrições etnográficas mais rigorosas. O pousio, por sua vez, será o objeto central desta seção.

“Embora as técnicas de cultivo tenham sido extensivamente descritas (pela antropologia, mais especificamente pela etnologia indígena), muito menos atenção foi dada às técnicas relacionado ao pousio” (CARNEIRO DA CUNHA, 2019, p.131)¹⁶. A prática de pousio é ação de intercalar os solos cultivados, isto é, é ação de regeneração do solo que integra todo sistema agrícola em questão. Depois de alguns anos plantando em determinada terra procura-se uma terra que esteja descansada, ao passo que se deixa a velha roça ou horta em repouso. Este processo coloca em movimento os espaços em cultivo.

Carneiro da Cunha, ao apontar a pouca atenção dada às práticas de pousio por parte das descrições etnográficas, parte de uma definição que compreende pousio enquanto técnica de coivara, ou seja, técnica de limpeza e queima do terreno. Pousio, no que nos diz respeito, abrange processos de repouso do solo que não necessariamente passam pelo fogo, uma vez que as assentadas do 12 de Julho não usam técnicas de coivara nas hortas.

André-Georges Haudricourt foi um dos poucos antropólogos a dar atenção às técnicas relacionadas ao pousio. Para o autor, pousio é um espaço em processo de recriação pela ação indireta do agricultor, através do ‘esquecer’ de colher algumas mudas e pelo descarte de sementes ‘defeituosas’. O pousio é uma lavoura em devir, e vice-versa.

Haudricourt descreve tal processo, particularizado na experiência agrícola neocaledônia, de modo a propor que o pousio é o lugar do não cultivado que ao ser lentamente recriado por esquecidas mudas e sementes, guarda o potencial do cultivado. A descrição desse processo é o que permite a conceituação de inculto/não-cultivado, e culto/cultivado. É importante, no entanto, notar a ambiguidade desses conceitos, que contêm significados agrícolas e antropológicos.

¹⁶ Tradução da autora.

Atento aos processos cosmológicos Canaques como os de vida-morte, Haudricourt descreve o pousio como o lugar do inculto e que guarda o potencial da cultura (HAUDRICOURT, 1964, p. 100-101). Este potencial encontra-se descrito nas possibilidades de recriação de lavouras, no sentido de qualidade da terra, através do repouso. No sentido mais abrangente, inculto é um ‘outro’ que, apesar de estar para além das fronteiras da cultura, guarda o potencial de tornar-se culto, “nós”.

A radite habita as *hortas atuais* e as *hortas abandonadas* do assentamento, além das dobras verdes e capoeiras. As *hortas atuais* são espaços de cultivo de mudas forrageadas nas dobras verdes. Já as hortas velhas são espaços que, com o início do processo do *assementar*, são abandonadas, sendo o *assementar* uma ação indireta das agricultoras para com as hortas. A horta neste ponto fica tão *bagunçada* e habitada por insetos e sementes que é preciso buscar um novo espaço para ser horta. As hortas abandonadas, no entanto, são espaços agrícolas extremamente ricos por guardarem o potencial de novos plantios em suas sementes e solos descansados.

Lavoura/pousio e *horta atual/horta abandonada* são, assim, compreendidos enquanto unidades relacionais. O pousio está em relação à lavoura de modo a guardar tanto potenciais agrícolas quanto de tratamento para com o ‘outro’, assim como a *horta abandonada* está em relação à *horta atual* de modo a guardar potenciais agrícolas e o potencial de ser uma agricultora assentada, afinal ser assentada é ser gente que persiste em plantar.

O processo de rotação entre *hortas atuais* e *hortas abandonadas* é parte central do circuito domesticador de radite no assentamento. Este circuito pode ser descrito através das próprias ações: forrageamento, cultivo e abandono para *assementar*, assim como através dos espaços nos quais emergem tais ações: dobra verde, *horta atual* e *horta abandonada*.

Ilustro, assim, as ações domesticadoras e seus respectivos espaços de emergência através de dois esquemas:

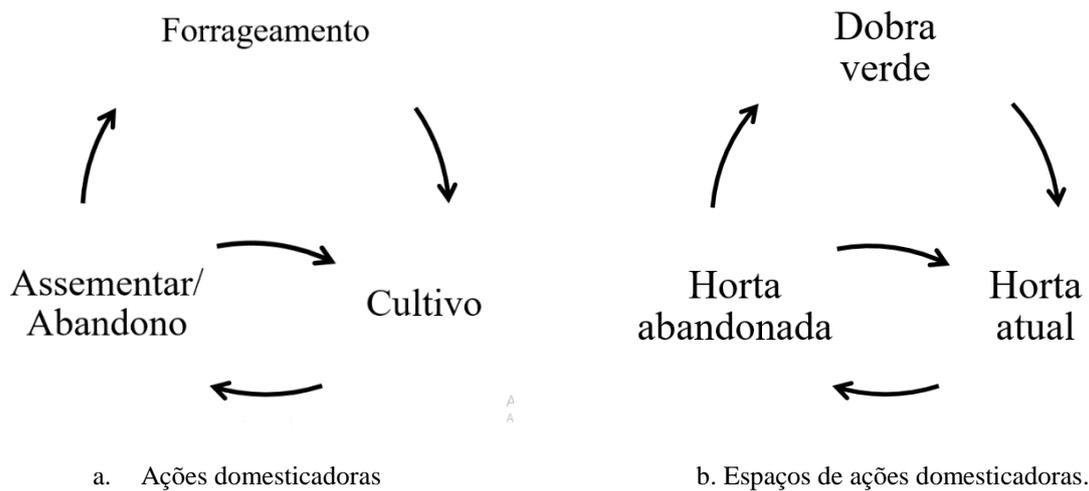


Figura 5 – Representações das ações domesticadoras e seus respectivos espaços, ambos constituintes do circuito: Dobra Verde-horta-pousio.

Tais esquemas buscam ilustrar um processo cotidiano¹⁷ e em devir. O primeiro aponta, através do movimento cíclico, para o fato de que o forrageamento, o cultivo e o *assementar/abandono* são ações contínuas e cotidianas nos trinta anos do assentamento. O segundo esquema aponta que tais ações são dinâmicas relacionais das agricultoras com os diversos espaços do assentamento. São ações de recriação da paisagem.

Como podemos notar, as hortas abandonadas guardam o potencial de hortas atuais. No entanto, as hortas abandonadas não guardam o potencial *das* dobras verdes, e sim o potencial de novos forrageamentos *nas* dobras verdes, afinal, tais espaços estão bem além dos domínios domésticos, são *mata*. Isto difere do *assementar/abandonar* que fomenta novas ações de cultivo e forrageamento.

Bagunça verde é um termo que pretende descrever os espaços domésticos e de *mata* do assentamento. As *hortas atuais*, as *hortas abandonadas*, as capoeiras e as dobras verdes são lugares de *bagunça*, *bagunças* que emergem pelas seguintes ações: a não-displicência para com as dobras verdes, através do forragear nos espaços da *Mula-sem-cabeça*; do deixar as hortas envelhecerem e as plantas *assementarem*; e do abandonar roças para que cresça piçacam. Tais ações foram, acima, compreendidas enquanto ações domesticadoras: forragear para cultivar, abandonar para forragear e abandonar para *assementar*. São ações definidas, também, como antidomesticadoras: o não apropriar-se dos espaços da *Mula-sem-cabeça*.

¹⁷ Saliento que o piçacam é uma radite que não está inserida nesta ação domesticadora.

Os circuitos domesticadores e antidomesticadores – constituídos pelas ações domesticadora citadas acima – do assentamento de Reforma Agrária 12 de Julho são atos de curiosidade, de broma, de beleza e de afeto. Ações sem intenções produtivas e reprodutivas¹⁸ que, no entanto, não só criam ou colaboram com a existência de belos espaços verdes, mas são parte constituinte de processos que geram biodiversidade na cordilheira, espaço que trinta anos atrás era só plantação de soja abandonada.

É importante ressaltar que essas dinâmicas são ações de cultivo e forrageio sem que haja uma cisão valorativa entre ambos. O texto acima descreve ações de forrageio em uma comunidade de agricultoras, dado etnográfico que pode vir a contribuir para uma definição de domesticação que não seja apenas diacrônica, evolutiva e demarcadora de espécies domesticadas e não domesticadas ou de comunidades agrícolas e não-agrícolas.

As ações de forrageio e cultivo foram descritas através de três variedades de radite: a língua-de-vaca, o almeirão-roxo (ambas até aqui nomeadas genericamente de radite) e o piçacam. Todavia, o assentamento, seja nas práticas ou nas narrativas, abriga outras variedades da planta.

Variedade	Local	Ação domesticadora	Cor da Flor	Semente	Folha***
1.língua-de-vaca	horta/mata	forragear/cultivar	roxa	arredondada	folhagem
2.almeirão-roxo	horta/mata	forragear/cultivar	roxa	arredondada	folhagem
3.almeirão-branco	horta/mata	forragear/cultivar	roxa	arredondada	folhagem
4.pão-doce	horta/mata	cultivar*	-----	-----	de cabeça****
5.piçacam	capoeira/mato	forragear	amarela	plumada**	folha
6.serraia	capoeira/mato	forragear	amarela	plumada**	folha
7.dente-de-leão	capoeira/mato	forragear	amarela	plumada**	folha

Tabela 2 – Variedades de radite segundo termos classificatórios das assentadas do 12 de Julho

*O não forrageio dessa variedade é indicativo da ausência da mesma no assentamento, só encontrei nas narrativas.

**A característica “semente plumada” nos ajuda a compreender como o piçacam, a serraia e o dente-de-leão são tidos como “pragas”, pois trata-se de uma semente que se espalha facilmente.

*** Folhagem para as agricultoras são plantas com folhas bonitas. Folha é planta com folhas feias.

****Significa folhas que se fecham como o repolho.

¹⁸ As hortas e as *matas* não estão e não estiveram inseridas na produção de sementes e muda para comercialização, assim como também não produzem, necessariamente, alimentos de autoconsumo. O alimentos das assentadas provém em grande medida das roças e dos pomares.

5. Interlúdio II: *Benzer raio*

No final da tarde se armou um temporal. O céu escureceu ao norte e barulhos altos vieram ao nosso encontro. Comecei a cantarolar *vira o tempo e o meu peito abriga o trovão, a tempestade do verão em mim...* Rose e Tilino, do outro lado da sala, cochichavam alguma coisa. Depois de alguns movimentos inquietos de ambos, ela perguntou:

- Tu faz a simpatia, Tilino?

Ele rindo, disse que sim.

Quando ele voltou para casa, eu ainda estava sem saber se era algo sério ou alguma brincadeira e então perguntei pela simpatia.

Ele, então, me explicou:

- Ansin, para o raio não ficar bravo com a gente, nós benze ele. Faz o sinal da cruz, um em direção ao raio outro em direção à terra. Ali no solo, finca um machado virado para o raio. Aí ele não vem aqui para a casa. E olha... a vida inteira funcionou.
- Tilino, vai lá com ela no terreiro e mostra como é que o machado está fincado, aí ela vai entender melhor.

6. Parte III: Semente de Comadre

6.1. A mulher e a curiosidade.

A mulher é ansin ó, sempre curiosa. Por isso, foi a primeira a descobrir as sementes, a agricultura, e a primeira a saber que Jesus tinha ressuscitado.

Tilino, Várzea, 2019.

Esta etnografia vem sendo escrita através de personagens e lugares femininos. Escrevo sobre as hortas, os quintais, as *matas* de orquídeas e bromélias e sobre as assentadas, as agricultoras, as mulheres do 12 de Julho. Se elas são curiosas? Ainda bem que sim, porque catar planta na *mata* exige um bocado de curiosidade, e fazer umas coisinhas tão pequenas e estranhas como as sementes brotarem, um bocado ainda maior.

Tilino, ao nos contar esse antigo caso sobre a curiosidade feminina, está sendo jocoso. A jocosidade, porém, é característica indispensável do caso. E o caso, característica indispensável do camponês gaúcho. O caso é broma e justamente por isso é uma boa forma de narrar a si.

O caso da mulher e a curiosidade nos conta sobre a primazia feminina na arte de *assementar, dormir e acordar* semente, segundo o imaginário camponês. Ele também nos conta sobre a fé católica presente no assentamento, fato que lembra do papel da Igreja Católica na constituição e consolidação do MST. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Rio Grande do Sul emergiu de ações de coletivos camponeses conjuntamente com ações da Comissão Pastoral da Terra, presente até hoje no movimento social.

O cultivar é algo que se faz a dois; se duas mulheres cultivam uma mesma planta, a garantia diante dos intempéries climáticas torna-se maior. A reza e a romaria também são feitas a dois, mesmo que seja entre o “eu” e o santo. O estar com os seus, no universo camponês, é estabelecer ou reafirmar redes de parentesco.

O assentar enquanto uma ação camponesa é, portanto, constituída pela curiosidade, pela fé e pelo não estar só.

Em continuidade ao capítulo anterior, outra dinâmica domesticadora pode ser identificada no assentamento, uma que surge do cultivar e do ser comadre, de atos de curiosidade e da vivência da convivência¹⁹. Este é, enfim, o *troca-troca* de sementes entre

¹⁹ Ver: “A partilha da vida parte I” e “A partilha da vida parte II” (BRANDÃO, 1995).

comadres. A rede de trocas, conformadora de um circuito, é um modo particular de *dormir* semente. Tal ação implica perceber ou propiciar a dormência das sementes, ação de fomento da relação entre as agricultoras e as plantas, portanto, também ação domesticadora.

6.2 Assentar *semente de comadre*

“Tu vai pegando um galho aqui, um galho ali. É um troca-troca. Se neste ano a geada matou as mandiocas aqui, a vizinha ou a comadre tem lá pra trocar” (Iolanda, Cordilheira Baixa, 2019).

As mudas e as sementes do 12 de Julho são *sementes de comadre*, isto é, são sementes e mudas que circulam via rede de parentesco e mais especificamente entre mulheres comadres entre si.

As plantas do circuito pertencem a quem dá a semente, e não a quem as cultiva, “esse aqui é da Geni” me disse Vani sobre um girassol que estava em sua horta. Assim o são e assim o foram trinta anos atrás quando as agricultoras assentaram nessas terras do sul.

“Nós viemos com mudas e sementes, mas não nossas, e sim dos parentes lá de Ronda Alta e Constantina, porque já estávamos há quatro anos acampados. E é como disse Iolanda ‘se neste ano a geada matou (ou ficamos sem terra), a comadre ainda tem’” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

Nos anos de acampamento na Fazenda Anonni as agricultoras plantavam para autoconsumo e trabalhavam de camaradas (trabalho assalariado) em grandes lavouras. Entretanto, estavam acampadas e não tinham como praticar ações de manejo e conservação de sementes, o que inclui os sistemas agrícolas de pousio descritos na segunda parte. Estavam de passagem por aquela terra e o tempo do envelhecer horta, do *asementar*, do *dormir* e do *acordar* semente é bem maior do que o tempo de acampamento.

Quando, enfim, foram institucionalmente assentadas não tinham mais seus pequenos bancos de sementes em jornais ou hortas velhas. Elas então acionaram sua rede de parentesco – mães, madrinhas, primas, tias e comadres – pedindo sementes e mudas para levar consigo. Sem as *sementes de comadre* provavelmente a cordilheira não teria sido assentada, afinal assentar é mais do que estar sobre a terra. Assentar é fazer da terra território, é fazer com que ela dê vida, é brotar filhos e sementes.

Assentar, em outras palavras, só foi possível porque não se assentou sozinha, assentou gente e *semente de comadre*.

Para que a semente assente, além disso, é preciso que paralelamente assentem saberes e técnicas agrícolas específicas. A cordilheira foi assentada por um modo particular de domesticação de plantas – constituído por circuitos de forrageio, cultivo e abandono, e por circuitos de *troca-troca* de sementes entre parentes.

As agricultoras, ao assentarem, sabiam encontrar alimento, afeto e diversão. Nas terras outrora repletas de soja, e depois abandonadas elas encontraram o piçacam e as demais radites. Também sabiam *acordar* sementes, curar o esterco e a terra e *dormir* sementes ao dar e recebê-las de parentes também assentadas e de novas comadres.

As novas comadres iam emergindo à medida que nasciam os filhos no 12 Julho. Uma criança deve ser amadrinhada, a madrinha torna-se comadre da mãe e comadres dão e recebem sementes e mudas uma da outra.

“Ficamos sem terra”. Esse fato que, na frase de Lucimar indica a causa da perda das sementes pelas agricultoras acampadas, é função, ademais, de uma complexa problemática agrária brasileira. No contexto do norte do estado do Rio Grande do Sul, na época, estavam implicadas a demarcação do território Kaingang, a lógica camponesa da não-fragmentação da terra nos processos de herança²⁰ e, o início da expansão da soja em 1947 e a implantação da produção industrial para produção de óleo²¹. Decorrente desse último fato foi a especulação imobiliária que dificultava ainda mais a aquisição de terras por parte dos colonos. É desse conjunto de conflitos e problemas agrários que emergiu um excedente de trabalhadores rurais sem terra.

São esses agricultores e essas agricultoras que, na década de oitenta, constituem um movimento de reivindicação do direito de seguir plantando. O MST nasceu da luta pela terra e da persistência em permanecer sendo agricultor, o que, em seu aspecto mais íntimo, pôde vir a significar uma luta que buscou e que busca perpetuar relações agrícolas específicas e localizadas. “O nosso movimento nasceu com o objetivo da gente ser gente que planta comida e no começo era o nosso único propósito” (Santo, Várzea, 2019).

O assentar, movimento provocado pelo MST, emergiu enquanto um movimento comum a agricultoras e plantas. As histórias dos assentamentos de reforma agrária são histórias de movimentos humanos e botânicos. Narrar as trajetórias de algumas das muitas sementes do 12 de Julho é compreender que o assentar é afeto para com o ofício de ser gente que planta.

²⁰ Ver Woortmann (1995)

²¹ Ver Conceição (1986).



Figura 6 – Retrato Pitita, 2016.



Figura 7 – Retrato Vani, 2016.

O *troca-troca* entre comadres foi, nos primeiros anos de assentamento, o único meio de obtenção de sementes. Atualmente é, novamente, o único meio de obter novas sementes e mudas.

Nas décadas de 1990 e 2000, no entanto, as agricultoras frequentavam as feiras e cooperativas de sementes e mudas crioula. Uma parte das assentadas produzia sementes, principalmente de flores – girassóis, zínias, tagetes etc – para a Bionatur (cooperativa de produção e comercialização de sementes da agricultura de reforma agrária), trabalho que expandia a obtenção e a distribuição de sementes para além das redes de parentesco das agricultoras. Assim, as sementes do 12 de Julho se espalharam por todo o Rio Grande do sul e Minas Gerais – estados em que a Bionatur atua.

Passaram-se os anos, os filhos se foram e o vigor dos corpos já não era mais o mesmo. Manter grandes plantios de flores e hortaliças tornou-se muito difícil. “Aí melhor ir pra produção leiteira. Semente agora só de comadre, de trabalho, só as vacas” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

A circulação de sementes no assentamento atualmente ocorre através de idas e vindas à casa das comadres e vizinhas para matear. As assentadas no início da tarde sentam nas varandas para tomar mate, e é durante as mateadas que o *troca-troca* ocorre. Saliento que as varandas, cozinhas e hortas estão sempre bem perto uma das outras.

Mateando nas varandas, as agricultoras admiram as flores e as folhagens da dona da casa, reconhecendo plantas que são suas ou de outras comadres. Também elogiam aquela planta que ainda não conhecem, e na hora de ir embora ganham um punhado de semente da plantinha tão falada durante a prosa. O receber sementes, porém, nem sempre ocorre através do elogio. Por vezes, é no lamentar a perda de uma variedade, seja pela seca que durou vários meses ou por uma forte tempestade, que a visitante recebe a semente.

A dona da varanda que dá a semente ou a muda para a visitante torna-se dona da planta. Quando a semente tiver brotado na horta ou na varanda da agricultora que a recebeu, aquela será a planta de quem deu a semente: ‘a rosa da Vani’ ou ‘a melancia-amarela de Lourdes’, e não de quem a está cultivando.

As variedades de plantas assentadas estão sempre associadas a determinadas mulheres. Isso significa que, se a agricultora estiver recebendo uma variedade que ela mesma deu há alguns anos atrás, ela segue sendo a dona, pois foi a primeira a dar aquela planta.

As carquejas-do-mato e demais ervas são das duas benzederias do 12 de Julho, Lucimar e Izelda, mesmo que se ache marcela e carqueja por todo o canto. Os tomates-cubados e os melões-de-são-caetano são da Lourdes. As variedades de flores são sempre associadas à Vani,

à Geni e à Lourdes. Os feijões e as melhores estacas de mandioca são da Rosi. As melancias e os porongos de comer são da Neusa. As abóboras de caramelar são de Pitita. E os poronginhos bons de fazer brinquedo são de Iolanda, a professora do assentamento.

Pode ocorrer da dona da planta ficar sem nenhum exemplar desta no seu terreno e sem a semente; no entanto, ela permanece sendo a dona da variedade.

Lourdes, há três anos, deu umas sementes de melancia-amarela para Vani. No ano passado, Lourdes plantou todas as sementes desta variedade na roça, sem guardar nenhuma. A época de plantio foi de seca, foram oito meses sem chuva, e todas as melancias morreram. Ela ficou sem nenhuma semente.

Vani não tinha plantado as melancias no ano da seca e ainda tinha as sementes, que foram plantadas neste janeiro. “Essas daqui são as sementes da Lourdes e ela nem lembra que me deu. Mas quando colher vou lá levar pra ela” (Vani, Várzea, 2019). Três anos depois as sementes continuam sendo ‘da Lourdes’, e é provável que nesta primavera as sementes de melancia-amarela já estejam armazenadas na geladeira de Lourdes.

6.3 Troca-troca: *dormir e acordar* sementes

No verão retrasado, umas sementes marrons e pontudas assentaram na cordilheira. Ninguém as conhecia de antemão. Sabiam que era porongo, mas também sabiam que não era nem o porongo de fazer cuia e nem os que o Sérgio e a Neusa comem. As novas sementes vieram junto com Iolanda de uma viagem que ela fez para ver os parentes lá do norte.

Algum tempo depois brotou, na horta de Iolanda, um porongo esquisito, diferente. Ele era todo pontudinho e com um bico bem comprido. Ela, que é acostumada a brincar com porongos – sempre pendura vários deles nas árvores – achou eles parecidos com garças, só que arrepiadas. Quando os porongos estavam maduros ela os colheu, pintou de branco, colocou pernas de ferro e botou no quintal.

Em novembro do ano passado Rosi foi matear na casa de Iolanda²² e viu os poronginhos-pontudinhos no quintal, claro, elogiando a criatividade da dona da casa. Iolanda no final da mateada entrou em casa e pegou um punhado das sementes do porongo e deu para a comadre Rosi. Esta riu e disse que não era tão chegada a essas coisas criativas, mas que ia levar e dar para a Vani, sua vizinha de várzea e comadre.

²² Ocasão em que fui apresentada para Iolanda e João, atual presidente do 12 de Julho.

No começo deste ano a planta de Iolanda estava trepada por toda a extensão da cerca da horta de Vani. “Viu os poronginhos da Iolanda? Logo vão começar a madurar. Aí vou pedir pra Gabriela pintar” (Vani, Várzea, 2019).

As demais variedades de porongo habitam algumas das hortas e roças do assentamento, porém, não são plantas comuns como as mandiocas e as melancias que habitam todas as hortas e roças da cordilheira. Elas são plantas mais discretas e que surpreendem quando aparecem na mesa de jantar.

A comadre Neusa convive com as plantas mais incomuns do assentamento. Seu pomar é habitado pelas nogueiras de seu pai, sementes plantadas há trinta anos, e pelas uvaías de sua nora, umas frutinhas amarelas que vieram lá da Argentina, terra natal da moça. Ademais, Neusa cultiva um tipo diferente de porongo, um “comestível”. É uma variedade que se colhida no ponto certo, isto é, antes de madurar mas já crescido, torna-se um alimento delicioso.

O porongo que se come é mais arredondado e suas ramas têm folhas mais largas do que as das outras variedades. Ele, diferentemente dos demais que trepam grades e árvores, rasteja nas roça em consorciado²³ com abobrinhas e melancias. Além disso, seu período de maturação é mais prolongado, o que propicia a percepção, por parte das agricultoras, de uma textura já madura e ainda não dura: o ponto exato para colher e cozinhar. Esta ação, assim, transforma frutos que a princípio só são utilizados como utensílios domésticos – cabaças, cuias etc. – em comida.

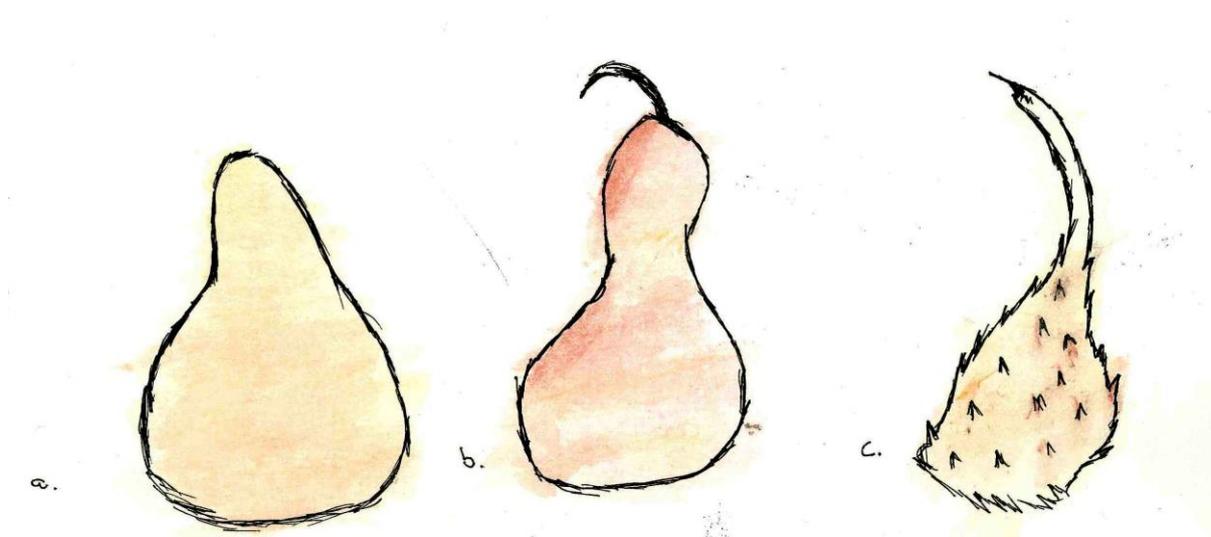


Figura 8 – Porongos do 12 de Julho.

²³ Técnica agrícola de manejo de diferentes culturas bem próximas umas das outras, o que o melhoramento do solo cultivado. As agricultoras passaram a utilizar este termo na interface com as visitas dos técnicos agrícolas da EMATER/RS.

Iolanda recebeu as sementes do porongo-pontudinho de seus parentes de Ronda Alta e as trouxe para casa embrulhadas em um pedaço de papel. Guardar e transportar sementes em pedaços de jornal ou de papel impede que elas sejam expostas à umidade, ao vento e à luz do sol. Essa exposição poderia ocasionar a germinação das sementes antes do período desejado.

Assim que a agricultora chegou em casa *acordou as sementes*, isto é, colocou-as na horta, espaço úmido, ensolarado e ventilado. Ela, porém, não acordou todas as sementes; guardou algumas para dar às comadres assentadas.

O ato de guardar as sementes para posteriormente dá-las fez com que uma parcela das sementes de porongo dormisse mais que as outras – por vezes a diferença no período dormido é de dois ou três anos, como foi o caso da semente de melancia de Lourdes. Ademais, é ação que permite que uma mesma variedade de planta, o poronguinho-pontudinho, brote e posteriormente *asemente* em diferentes hortas.

Cada horta abriga um conjunto bem específico de plantas, o que faz com que as sementes *asementem* em consórcio com uma grande diversidade de vegetal.

As sementes de porongo-pontudinho também foram dadas para Neusa, vizinha de Iolanda. Esta variedade botânica, assim, brotará em três hortas diferentes: na horta de Iolanda, na de Neusa e na de Vani.

A Iolanda forrageia porongo-de-cuia nas dobras verdes para pendurar na ameixeira, que fica em frente à sua horta. A Vani não cultiva, no momento, nenhum outro tipo de porongo na horta. A Neusa por sua vez cultiva porongo-de-comer, que, apesar de ser plantado na roça para o consumo da casa, é armazenado na horta velha, e como ela ainda não abriu uma nova horta será ali que o porongo da Iolanda crescerá.

O processo do *asementar* nessas três hortas resultará em variedades distintas de porongo. A horta de Vani legará sementes que, provavelmente, darão plantas bem parecidas com os poronguinhos-pontudinhos lá do norte. De outro modo, a horta de Iolanda brotará, quiçá, uma variedade híbrida, mistura do porongo-de-cuia com o porongo-pontudinho. Por sua vez, a horta da Neusa dará uma planta híbrida, porém diferente daquela de Iolanda, uma vez que a planta da horta de Neusa será uma mistura de porongo-pontudinho com porongo-de-comer.

Assim, o *troca-troca* de sementes entre comadres faz com que as sementes circulem por todas as hortas do assentamento em uma dinâmica que minimamente propicia a emergência de biodiversidade nas hortas. É importante salientar que as variedades de plantas citadas até

aqui fazem referência à classificação local – porongo-de-comer, poronguinho-pontudinho e porongo-de-cuia – e não a variabilidades genéticas.

A emergência dessa diversidade de plantas nas hortas, portanto, é biodiversidade construída através das práticas de circulação de sementes via redes de comadrio, que por sua vez são compreendidas, aqui, enquanto dinâmica domesticadora.

Carneiro da Cunha e Morim de Lima (2017) apontam para uma notável variabilidade de plantas nas hortas, seja de gêneros ou de espécies dentro de gêneros. É claro, elas chamam atenção para hortas de comunidades tradicionais, o que não é o nosso caso. No entanto, o diálogo com os argumentos destas pesquisadoras é, no mínimo, fecundo, ao apontar para a importância das hortas como espaços fundamentalmente relevantes na construção da biodiversidade.

A diversidade das hortas é função de uma dinâmica domesticadora. Portanto, a circulação de sementes via comadrio deve ser compreendida enquanto um conjunto de ações domesticadoras – o *deixar se fazer/assementar* e o *dormir* e o *acordar* sementes – que tanto causa modificações profundas nas plantas, quanto propicia e efetiva sociabilidades no assentamento.

As variedades de porongo, e de muitas outras plantas das hortas, são resultado das ações de circulação de sementes. Ações que, por sua vez, constituem novas socialidades ao transformar relações entre companheiros de movimento social em relações de parentesco através da instituição do comadrio, e é na ação do trocar sementes que se concretiza o ser comadre.

O *troca-troca* de plantas entre comadres normalmente é realizado com *sementes dormidas*, isto é, secas e embrulhadas. Raramente as trocas são feitas com mudas. A assentada *dorme a semente* para poder dar para sua comadre. Por outro lado, ao receber da comadre, a agricultora *acorda a semente* que em seguida brotará e depois *assementará* – processo que propicia que ela tenha semente de novo, para assim poder dar essa variedade para outra comadre e retribuir àquela que lhe deu em primeiro lugar. É fácil perceber na descrição desta dinâmica domesticadora a clássica operação daquilo que Marcel Mauss (2015) denominou de dádiva. O dar, o receber e o retribuir é efetivado pelas agricultoras não apenas pela oferenda e pelo recebimento das sementes, mas de forma mais relevante, através das ações de *dormir e acordar* semente, ações domesticadoras.

A dormência e a germinação de sementes são temas da fisiologia vegetal, processos descritos, mais especificamente, nos estudos de reprodução vegetal. Não seria da minha competência sequer um esboço sobre tais processos, e mesmo que o fosse, não me parece

interessante comparar esses sistemas de conhecimento – ao menos não para este campo específico. Portanto, as dinâmicas reprodutivos das plantas aqui descritas são referentes à percepção e ao conhecimento agrícola das assentadas, ou seja, o que importa aqui é compreender o que é o *dormir* semente e o que é o *acordar* semente.

O *dormir* semente é um processo que tem seu início com a debulha e que termina após a efetuação do *troca-troca* de sementes. Ademais, pontuo que os processos acompanham as estações adequadas a cada espécie de planta.

A debulha ocorre quando a planta já *asementou*. As agricultoras esperam as sementes curarem, ou seja, ficarem maduras, e, em alguma tarde de sol a pino, elas debulham a planta. O debulhar pode ocorrer de duas maneiras: retirar as sementes com as mãos, processo realizado com plantas como a alface; ou dar golpes com algum pedaço de pau nas ramas das plantas, o que é feito com os feijões e as favas.

O ato de debulhar sob o sol é um modo de garantir que as sementes estejam bem secas, e secar a semente é garantir que ela não vá brotar; portanto, é “colocar a semente para dormir”. Em seguida, as sementes são guardadas em lugares escuros e com pouco ar. Existem variações para as diferentes sementes; como já dito, alguns delas são conservadas em geladeiras e congeladores. No entanto, esta não é uma prática comum no assentamento, apenas em algumas poucas casas.

A planta dormirá enquanto não for acordada pela água, pelo ar, pelo calor e pela luz, isto é, até ser novamente colocada na horta.

O *acordar* semente é o ato de retirar a sementes dos jornais e papéis e colocá-las no solo. As sementes, ao serem plantadas, entram novamente em contato com a chuva, a umidade do solo, a luz solar etc. É na dinâmica das hortas que as sementes brotam, acordam e vivem.

Algumas sementes, para acordarem, exigem técnicas específicas. As sementes de acácia só acordam se tiverem algum contato com o fogo. As técnicas de coivara são uma alternativa, no entanto, o mais comum é embrulhar as sementes em panos e fervê-las na panela.

Variedade	Local	Ação domesticadora	Semente	Uso
1.poronguinho-pontudinho	horta	cultivar/circular	oval, chata e pontudinha	Artesanato
2.poronguinho-de-cuia	horta/mata	foragear/cultivar/circular	oval, chata e rajada	Artesanato/utensílio
3.poronguinho-de-comer	horta/roça	cultivar/circular	oval, chata e rajada	Alimentação

Tabela 3 – Variedades de porongo segundo termos classificatórios das assentadas o 12 de Julho

6.4. Comer para plantar

A vizinha de Lucimar, durante o verão, sempre traz melancias para ela e Tony comerem durante a tarde. O lanche da tarde rapidinho vira semente, que, por ser estação propícia, logo brotará na horta de Lucimar.

O dar e o receber melancia, assim como qualquer outra hortaliça, é ação de trocar sementes. Mais que uma comida, Lucimar estava recebendo as sementes da comadre Neusa.

Desfrutar uma melancia numa tarde de verão é delicioso e, diferente de outros alimentos, come-se para em seguida poder plantar.

As sementes da melancia que Neusa nos trouxe ontem passaram todo o dia secando ao sol, e no final da tarde foram procurar algum lugar para assentar. Lucimar e eu saímos de casa quando o sol já não estava mais tão forte. As sementes de Neusa estavam no meu bolso e ainda iam sacolejar um bocado até encontrar terra para pousar.

Logo entramos na horta velha da agricultora que, de tão *bagunçada*, não deixou espaço sequer para andarmos dentro dela. “Aqui não vai dar pra plantar mais nada, ela já está se cuidando sozinha” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019). Fomos então para uma outra horta, ainda mais antiga, e perambulamos um pouquinho por lá. Lucimar, no entanto, achou que aquela terra ainda não estava descansada o suficiente.

São Pedro começou a derramar um bocadinho de água e a assentada ficou contente, pois assim as sementes iriam assentar bem, afinal uma chuvinha sempre ajuda. Caminhamos em direção à *mata*, que aliás, seja qual for a direção, nunca está muito longe da casa de Lucimar, e fomos parar em sua beirada, no que chamam de *matim*.

O *matim* é um espaço de fronteira entre o quintal e a *mata*, mas não é *mata*. É lugar de terra fértil por estar extremamente perto da *mata*. É espaço que pode virar horta, pois não é o lugar das águas e da *Mula-sem-cabeça*, apesar de ser quase lá. “Aqui a terra está ótima, eu vou fazendo os buracos com a enxada e tu vai botando as sementes” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

Os buracos começaram a ser feitos na terra preta e úmida. Eu primeiro pegava o esterco, curado durante algumas semanas no curral, e colocava de ladinho, em seguida jogava umas cinco sementes e tapava o buraco. “Isso, assim mesmo. Tem que colocar o esterco de ladinho,

onde a raiz vai vir e não embaixo e sempre mais que uma semente, afinal alguma delas sempre vai falhar” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

Naquela tarde não me dei por conta, mas Lucimar e eu estávamos abrindo uma nova horta. Estávamos deixando a horta perto da casa descansar, e assim tornar-se uma horta velha que dali pra frente seria lugar de *asementar*.

7. Epílogo: *Asementar* e *Assentar*

“A radite fica alta, assim na altura da cintura, e aí dá flor. Na flor já está dando semente, tá asementando. Depois é só esperar secar bem pra poder colher” (Iolanda, Cordilheira Baixa, 2019). Iolanda me mostrava as pequenas flores em lilás dos pés de radite asementados em sua horta, que ainda não fora abandonada mas que não tardará a ser.

Como vimos, o *asementar* é a transformação de plantas em sementes, processo que ocorre tanto em hortas quanto em hortas abandonadas. A frequência e a importância deste processo nos respectivos espaços é o que vai fazer de tal lugar uma coisa ou outra. “Tudo

assementar, mas lugar de *assementar* mesmo, é aqui na horta abandonada” (Geni, Cordilheira Alta, 2019).

O circuito dobra verde-horta-pousio e a dádiva entre comadres são dinâmicas efetivadas pelo *assementar*, processo que possibilita a emergência e a conservação das variedades de sementes ao longo dos trinta anos do assentamento 12 de Julho. Compreendo conservação como prática que transforma, se não a genética ou morfologia das plantas, usos, estéticas e significados entre humanos e vegetais.

Por outro lado, o *assementar* emerge das diferentes ações constituintes do circuito de *troca-troca* de sementes entre comadres e do circuito dobra verde-horta-pousio. Apesar de ser um processo técnico que emerge nestes dois circuitos e que os faz emergir, ele ocorre de modo localizado nos espaços de pousio do assentamento, mais especificamente nas hortas abandonadas.

O pousio é espaço produzido ao se abandonar hortas ou roças (nesse último caso resultando em capoeiras), ação descrita na segunda parte deste texto enquanto um *deixar se fazer* e um *não fazer*. É no processo do deixar a horta se fazer que ocorre o *assementar* – como nos disse, logo acima, Geni. Ressalto novamente que esse processo diz respeito a dinâmicas fisiológicas vegetais percebidas e significadas pelas agricultoras, e não a todo e qualquer processo de transformação de plantas em sementes. As plantas de capoeira também assementam em meio à roça abandonada, resultado da ação do *não fazer*. Esta dinâmica, porém, não tem a mesma relevância epistemológica do *assementar* nas hortas abandonadas, vide um certo descaso com plantas de capoeira.

O *assementar* enquanto movimento significativo para as agricultoras é um processo técnico que emerge das – e faz emergir as – dinâmicas da horta, a qual, por sua vez, é constituída pelo *troca-troca* de sementes via comadrio e pelo circuito dobra verde-horta-pousio. O que significa que a *bagunça* da horta, característica que viabiliza a dinâmica plantas/sementes, advém tanto do fluxo de plantas entre as *matas*, hortas e hortas velhas de uma mesma unidade doméstica (cf. Parte II), como do fluxo de plantas entre diferentes casas, isto é, as trocas de plantas entre comadres (cf. Parte III).

O processo técnico do *assementar* não foi descrito com rigor e detalhe. O campo etnográfico realizado até então não me dá respaldo para compreender como as agricultoras percebem o início da transformação das plantas, como elas manejam a *bagunça* das hortas de modo provocar um *assementar* conjunto de variabilidade de plantas que podem se cruzar etc.

“É bagunçado, mas nós não deixamos as melancias de gente assim perto das de porco, porque depois cruza e a de gente não dá mais pra comer porque está assim toda misturada com

a de bicho” (Lourdes, Várzea, 2019). A narrativa de Lourdes sobre o cruzamento de sementes de melancia aponta para aspectos vegetais e de socialidade humana e mais que humana do processo de assementar – é no *assementar* que as plantas se misturam ou não. Assim, saio deste trabalho etnográfico instigada a dar continuidade a investigação sobre este processo técnico específico.

7.1 Assentar gente e semente.

Em seu aspecto geral, esta monografia buscou demonstrar que o assentar é ação que propicia uma maior circulação e interação entre plantas de diferentes lugares, internos e externos ao 12 de Julho. E que esta ação também faz com que diferentes agricultoras possam interagir com uma maior variabilidade de plantas, dada a criação da agrobiodiversidade descrita ao longo do texto.

O assentar não foi um ato que ocorreu em 1989 – a migração de um grupo de agricultoras sem terra em direção às terras destinadas pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. O assentar é um conjunto de ações que ocorre ao longo dos trinta anos do assentamento, o que inclui a movimentação de gente e planta entre diferentes espaços dentro do 12 de Julho e em todo o estado. No decorrer dessa etnografia estas ações foram identificadas em dois circuitos diferentes e complementares que são compreendidos enquanto domesticadores por serem constituídos por ações comuns, contínuas (e descontínuas) e das quais emerge – indissociavelmente – diversidade social e vegetal.

O assentar é a chegada constante de gente e semente na cordilheira através de ações agrícolas e de parentesco. O movimento do assentar só é possível, enquanto ação política, por ser primeiramente uma ação de vida na qual assentam juntos humano e vegetal objetivando, em primeiro lugar, o fazer agricultura. Assim, assentar é um ato de perpetuação do ofício de ser agricultora e ser agricultora é lidar com a terra e com as plantas. Logo, assentar, no sentido vivido pelos sujeitos do MST, só é uma ação política possível porque se assenta gente e semente.

Em seu aspecto específico, esta etnografia buscou salientar que os circuitos e as ações que constituem a relação agricultoras-plantas no 12 de Julho são domesticadoras porque são cotidianas, contínuas (e intermitentes), e porque resultam em transformações profundas nas linhagens das plantas e possibilitam a emergência de novas socialidades, as relações de comadrio entre companheiros de movimento social.

É pelo fato do *assementar* propiciar transformações nas plantas e nas relações sociais das agricultoras que as dinâmicas nas quais esse processo emerge, o *troca-troca* de sementes via comadrio e o circuito: dobra verde-horta-pousio, são circuitos domesticadores. Circuitos, por sua vez, efetivados por ações domesticadoras: o forragear, o cultivar, o abandonar e o *dormir* e o *acordar* semente.

Tais circuitos e ações são domesticadoras também pelo fato do *assementar* guardar continuamente o potencial de novos plantios e, assim também, o potencial do seguir sendo agricultora. Afinal, os distintos movimentos agrícolas descritos no decorrer do texto são ações corriqueiras e contínuas na vida das assentadas, são o seu cotidiano.

Por fim, gostaria de salientar, ainda, que as práticas agrícolas do assentamento de Reforma agrária 12 de Julho são perpetuadas através de ações de cultivo e forrageio, termos normalmente postos em oposição. Em especial, o forrageio é uma ação digna de atenção, pois, ao fim e ao cabo, indica-nos que práticas de coleta dinamizam e são fundamentais na perpetuação do fazer agrícola desta comunidade agrícola.

7.2 Nota de saída: Nem toda planta se deixa domesticar.

Enfim, as agricultoras, ao longo dos anos de cordilheira, estabeleceram relações domesticadoras com uma pluralidade de plantas seja no *troca-troca*, seja catando na *mata*. No entanto, nem toda planta se deixa domesticar.

Na saída de uma das *matas* do 12 de Julho Lucimar me disse: “Sempre levo essa plantinha aqui pra casa e não adianta ela sempre morre. Ela gosta é de ficar aqui na *mata*, junto com a água” (Lucimar, Cordilheira Baixa, 2019).

8. Referências Bibliográficas

ARETIO-AURTENA, Bruno L. **Microhistória del Movimiento de los Sin Tierra**. Ed. Serendipia – Espanha. 2016.

AZEVEDO, AINA. Um convite à antropologia desenhada. **METAgraphias: metalinguagem e outras figuras** v.1 n.1 (1) março, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. São Paulo, Geic/Cabral Ed. 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O desencanto do outro: mistério, magia e religião nos estudos do mundo rural no Brasil. In: **Anuário Antropológico/91**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

CARNEIRO DA CUNHA, M; MORIM DE LIMA, A. G. How amazonian indigenous peoples contribute to biodiversity. In: BAPTISTE, B. (ed.) **Knowing our lands and resources: Indigenous and local knowledge of biodiversity and ecosystem services in the Americas**. UNESCO: Paris, 2017, pp. 63-81.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Antidomestication in the Amazon Swidden and its foes. In: **HAU: Journal of Ethnographic Theory** 9 (1), 2019: 126 – 136.

CONCEIÇÃO, Octavio Augusto C. A expansão da soja no Rio Grande do Sul 1950 – 75. 2º **Impressão**. Porto Alegre, RS – N. 6 – Out. 1986.

DIGARD, Jean-Pierre. A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. In: **Antropológico/2011-II**, 2012: 205 – 223.

DIGARD, Jean-Pierre. La domestication animale revisitée par l'anthropologie. In: **ETHNOZOOTECHNIE**. N° 71, 2003: 33 – 44.

FERNADES; STÉDILE. **Brava gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. 3º Reimpressão, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

HAUDRICOURT, André-Georges. Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro. **Série Tradução** n. 7, PPGAS/DAN, 2013 [1962].

HAUDRICOURT, André-Georges. Nature et culture dans la civilisation de l'igname : l'origine des clones et des clans. In: **L'Homme**, tome 4 n°1, 1964: 93 – 104.

LESSA, Barbosa. Introdução. In: LESSA, Barbosa (org.) **Histórias e Lendas do Rio Grande do Sul**, 1972.

LOPES DICKEL, Simone. O processo histórico de desapropriação da fazenda Annoni. 2015. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. 2º Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015: 181 – 312.

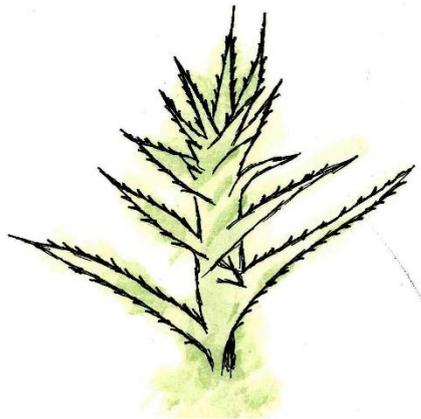
SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Os antropólogos e a domesticação: derivações e ressurgência de um conceito. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Org.) **Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida**. Porto Alegre: UFRGS, 2018: 85 – 108.

SIGAUT, François. Critique de la notion de domestication. **L'Homme**, Tome 28 n° 108, 1988, pp. 59-71.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres; colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. S. Paulo/Brasília, Hucitec/EDUMB, 1995. 336 p.

Anexo I

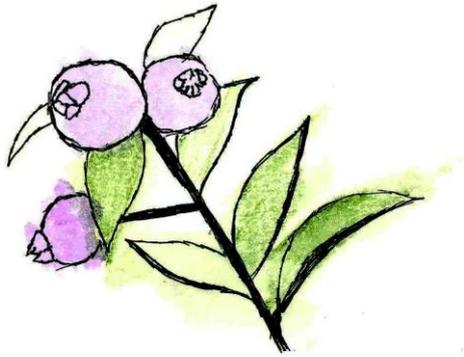
Caderno de Plantas



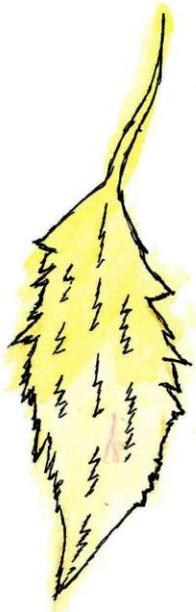
O **caraguatá** é uma planta rasteira que apresenta folhas densas cobertas por espinhos. Nas classificações botânica ela é denominada de *Bromelia antiacantha* sendo suas variedades estéticas e de uso todas acopladas nesta mesma espécie. As agricultoras do 12 de Julho no entanto, diferenciam o caraguatá de uma outra planta rasteira e espinhosa, a **bananinha-domato**. Esta última é uma planta valorada por seus usos medicinais e sua coloração avermelhada, já a primeira é considerada praga por se resumir à espinhos.



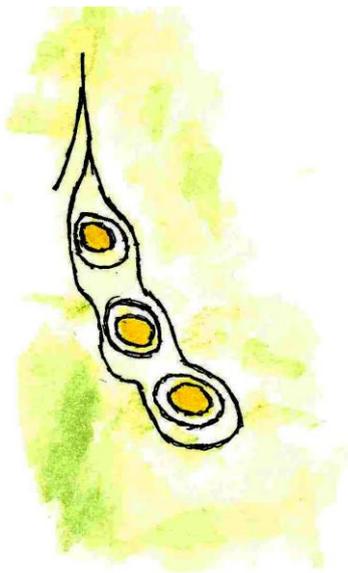
Gramínea é uma família de plantas que inclui uma variedade inúmera do que popularmente é conhecido como pasto. O pampa, habitat do 12 de Julho é, por assim dizer, um grande pasto ao sul do sul. É importante apontar aqui que esta paisagem de pasto é continuamente recriada através do manejo de gramínea, o que também inclui troca-troca de sementes de diferentes pastos entre parentes e entre diferentes assentamento, questão que não pude me deter ao longo do trabalho mas que tive a oportunidade de conhecer através de narrativas masculinas dos produtores leiteiros do assentamento. Por última é uma planta importante por guardar o potencial de narrativas históricas dos conflitos agrários do rio grande do sul, o capim Anonni leva o nome da família que na década de oitenta tinha o monopólio das terras do sul do estado, capim este que posteriormente tornou-se uma praga em todo o estado.



O *guabijú* é uma árvore da *mata* atlântica que as agricultoras encontraram ao assentarem na cordilheira em suas caminhadas nas dobras verdes. Esta planta possui um fruto semelhante a jabuticaba, em tamanho e coloração, no entanto é um fruto aveludado e amarelado por dentro. No assentamento permanece como planta de *mata* e, também, como planta de quintal. O assentar ao longo do trinta anos na cordilheira propiciou um movimento de plantas das *mata* para os domínios domésticos.



O *melão-de-são-caetano* é uma planta trepadeira de semente avermelhada e fruto estriado e amarelado. É um fruto pequeno e encontrado em poucas hortas do 12 de Julho. As poucas agricultoras o cultivam por curiosidade e porque ele é bonito, normalmente não comem os frutos deixando as plantas completarem o ciclo de modo a virarem sementes novamente.



A *soja* é uma planta comercial que desde muito esteve presente na vida das assentadas. Desde jovens as agricultoras lembram de trabalhar colhendo soja manualmente em roça familiares, depois seguiram colhendo o grão como camaradas nos anos de acampamento. Ao chegarem na cordilheira tiveram de lidar com lavouras abandonadas de soja, e conseguir recriar as terras para novos cultivos e nos últimos anos esta cultura, agora atualizada com aviões que despejam veneno, têm sido um problema nas fronteiras com as hortas, *matas* e açudes do assentamento.